

Organizadora

Maria Zélia Versiani Machado

**Do projeto à
aula no estágio
de Língua
Portuguesa**



Belo Horizonte

FALE/UFMG

2017

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor

Rui Rothe-Neves

Comissão Editorial

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fabio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Rayanne Teles

Fernanda Tavares

Diagramação

Bárbara Turci

Revisão de provas

Bruna Honório

Giulia Leroy

ISBN

978-85-7758-322-5 (digital)

978-85-7758-323-2 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antonio Carlos, 6627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/labed

Sumário

Apresentação . 5

**História de lobisomem:
valorizando a produção de textos . 7**

Ariane Gonçalves de Oliveira

**O *internetês* como
ferramenta para o ensino de Português . 17**

Gabriela Gomes de Oliveira

**Oficina de haikai
para alunos do Ensino Fundamental II . 35**

Laura Júnia de Carvalho

**Chapeuzinho Vermelho em diversos gêneros
no sétimo ano do Ensino Fundamental . 59**

Patrícia Rabelo Goulart

Um poema de muitas cabeças . 83

Domingas Cesário Alvim

Pirataria: uma questão de opinião . 95

Bárbara Helohá Falcão Teixeira

Apresentação

Desde 2011, a disciplina Análise da Prática do Estágio de Português I – APEP –, ofertada pela Faculdade de Educação da UFMG, vem substituindo o relatório de atividades de estágio pela produção de um artigo, como trabalho final sobre a experiência do estágio a ser apresentado em seminário. A iniciativa teve por objetivo garantir uma maior circulação da produção acadêmica que resulta dessa importante e decisiva etapa da formação de estudantes de Letras, quando se realiza a observação de aulas de Português nos anos finais do Ensino Fundamental e a esperada prática docente na aplicação de um projeto de ensino. Os artigos produzidos ao final do curso são apresentados em seminários abertos à comunidade acadêmica e, especialmente, às escolas da Educação Básica, que generosamente recebem os estudantes.

Os textos que compõem este *Viva Voz* foram apresentados no IX Seminário da APEP, realizado no primeiro semestre de 2015. Os artigos foram selecionados por equipe de leitores externos – professores universitários e alunos da pós-graduação – convidados para participar dos seminários como debatedores dos trabalhos apresentados. Este número reúne artigos que possibilitam observar diferentes situações de ensino em escolas das redes pública e privada de Belo Horizonte e Região Metropolitana, tendo como foco os diferentes eixos de ensino de Língua Portuguesa: leitura, produção de textos, oralidade, conhecimentos linguísticos e literatura.

As temáticas escolhidas para o projeto de ensino, os eixos contemplados, as metodologias de ensino adotadas, em comum acordo

com os professores supervisores das escolas, indiciam pressupostos teóricos contemporâneos que se articulam aos discursos oficiais presentes nos documentos que orientam os trabalhos que levantam inúmeras questões relativas à formação de professores. Questões que permeiam a prática de ensino da leitura, da escrita e da oralidade, perpassadas pela análise linguística em escolas públicas e particulares na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Os artigos permitem identificar algumas tendências de ensino de Língua Portuguesa presentes na formação em Letras; além de projetar um perfil dos alunos quanto às práticas de letramento acadêmico que lhes permitiram planejar e, após o período de estágio, realizar uma reflexão crítica sobre as práticas observadas no contexto escolar.

Vale ainda ressaltar que os professores que recebem os estudantes são vistos como parceiros que têm muito a ensinar aos alunos que passam a frequentar as suas salas de aula. As concepções bem como as diferentes trajetórias de formação desses professores estão presentes nesses textos, porque os projetos de ensino que deram origem aos artigos foram construídos a partir das práticas de ensino de Língua Portuguesa compartilhadas nas escolas. As trocas operadas, nas discussões em torno do projeto e de sua aplicação, na maioria das vezes, ressignificam teorias e redimensionam práticas, numa dinâmica saudável tanto para a formação dos estudantes como dos professores.

Maria Zélia Versiani Machado

História de lobisomem: valorizando a produção de textos.

Ariane Gonçalves de Oliveira

Introdução

A escola

Este trabalho apresenta resultados de observação e docência do estágio obrigatório da disciplina Análise da Prática do Estágio de Português I, realizado entre abril e junho de 2015 em uma escola da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, com uma das turmas do sexto ano do Ensino Fundamental. As aulas, a metodologia e os resultados serão explicitados ao decorrer deste artigo.

A escola municipal onde foi realizado o estágio oferece o Ensino Fundamental regular nos turnos da manhã e tarde e à noite oferece o Fundamental na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA. Nos contraturnos oferece, ainda, a Escola Integrada. Estruturalmente é composta por doze salas de aula, pátio aberto e quadra coberta, laboratório de informática, biblioteca, refeitório e um auditório recentemente adquirido por obra do Orçamento Participativo. A escola tem também em seu domínio administrativo uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI. A direção mantém diálogo direto e aberto com os alunos e os incentiva nas atividades artísticas e esportivas.

Acompanhei uma das três turmas de sexto ano do Ensino Fundamental regular no turno da manhã, composta por 35 alunos com faixa etária entre onze a quatorze anos, e fui orientada em campo pela professora regente. A turma, de modo geral, é muito agitada e a todo o momento os professores tem que chamar a atenção dos alunos para o comportamento e para que diminuam o tom de voz. Apesar disso, a turma é interessada e participativa.

Escolha do tema

Todos nós conhecemos o novo modelo de avaliação básica, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que, atualmente, passou a ser utilizado também como principal mecanismo de seleção para o ingresso no Ensino Superior, propondo, de forma democrática, dar oportunidades aos estudantes de acessar vagas oferecidas por Instituições Federais de Ensino Superior. Sabemos também que seu modelo de avaliação exige, nas questões objetivas, grande compreensão de leitura e, na prática, a produção de textos através da redação.

Conhecemos também a importância da literatura, pois ela é eixo essencial à vida escolar e pessoal dos estudantes, por ser um bem cultural que deve ser garantido pelas instituições. No Currículo Básico Comum – CBC – podemos observar que, dentre várias outras, a principal proposta do ensino de Português é formar os sujeitos de forma humana e acadêmica.

É essencial propiciar aos alunos a interlocução com o discurso literário que, confessando-se como ficção, nos dá o poder de experimentar o inusitado, de ver o cotidiano com os olhos da imaginação, proporcionando-nos compreensões mais profundas de nós mesmos, dos outros e da vida.¹

É através da leitura que podemos crescer em experiências e sabedoria. A leitura também possibilita-nos desenvolver a imaginação, conhecer lugares e situações que não tivemos oportunidade de experimentar em nosso dia a dia, ampliar nossas perspectivas sobre coisas que já vivemos, além de contribuir, subjetivamente, para o crescimento do sujeito leitor em conhecimentos de mundo e de si.

Levando em consideração esses aspectos, tornou-se ainda mais necessário trabalhar na educação básica, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, a produção de textos para que os alunos possam alcançar os objetivos das provas do ENEM, assim como aguçar seu interesse pela leitura e escrita. O tema folclore foi escolhido por ser atraente aos alunos e de conhecimento compartilhado por muitos. A experiência com a docência, principalmente com a Educação Infantil, nos levou a perceber que o tema folclore é muito explorado pelos pro-

¹ MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. *Currículo básico comum do ensino fundamental*, p. 12.

8 . Do projeto à aula no estágio de Língua Portuguesa

fessores por ser extremamente envolvente para os alunos por ter um caráter fantasioso, mas também de identificação como parte de nossa cultura. Contudo, no decorrer do Ensino Fundamental há uma grande tendência ao afastamento desse tema, sendo que o folclore poderia ser ainda usado de modo eficiente em sala de aula com alunos que já avançaram na escolaridade, embora com nova roupagem, uma vez que não deixa de estimular e integrar o imaginário dos estudantes.

Justificativa

Principalmente nas redes públicas de ensino, cujas salas normalmente ultrapassam a capacidade de alunos e onde existe uma diversidade de interesses entre os mesmos, foi selecionado para este trabalho o personagem lobisomem, que é conhecido tanto no folclore brasileiro como no mundial, como uma tentativa de atrair o interesse da turma e de permitir ao professor explorar os temas propostos de modo efetivo e agradável. De modo geral, a maior parte dos alunos se interessa por histórias, mas têm dificuldades em interpretar e produzir textos e, quando essas atividades são propostas, eles acabam se dispersando e se agitando por falta de interesse. Por isso, essa atividade foi proposta como forma de trabalhar e reforçar a importância de se produzir e interpretar textos, de forma gradativa, respeitando, assim, as dificuldades dos estudantes que se encontram nesta etapa escolar.

A escolha pela produção do mural móvel visou dar aos alunos a possibilidade de perceber para quem e para quê escrever. As produções de texto normalmente são impostas e os alunos não sabem o real motivo de suas produções e não se sentem motivados a escrever, pois acham que seus textos não serão lidos por ninguém, e, por isso, não terão serventia. Algumas crianças chegam até a afirmar que não sabem escrever, partindo do pressuposto de que a escrita é algo padronizado que elas jamais alcançarão. Esses problemas, que dizem respeito às condições de produção dos textos, não só desmotivam os alunos como podem refletir negativamente no gosto deles pela leitura nas aulas de Português e em outras disciplinas escolares.

A produção coletiva do mural móvel foi uma tentativa de fazer com que os alunos se sentissem agentes da produção e que a percebessem como algo válido para justificar a sua circulação social, mesmo que restrita ao contexto escolar.

Em resumo, os objetivos do projeto foram apresentar o gênero textual conto popular, por meio da leitura de diferentes narrativas de lobisomem; discutir aspectos relativos a histórias do folclore; incentivar o gosto pela leitura e produção de texto; e, por fim, valorizar a produção de texto e a leitura através da exposição do mural móvel.

Metodologia

Aula 1

Inicialmente foram feitas algumas perguntas introdutórias: Alguém sabe o que é conto? E folclore? Vocês se lembram do que é?

Os alunos se referiram a histórias, personagens e gêneros textuais conhecidos como contos de fadas, Saci e trava-línguas. Após esse momento inicial, fiz um breve apanhado do que é um conto folclórico e sua estrutura básica, destacando os principais elementos que o compõem. Avisei que leria um texto e queria que prestassem atenção para me falarem depois se ele tinha características de um conto folclórico. Em seguida, fiz a leitura dramatizada do conto: “Hoje é dia” e retomei o diálogo com os alunos.

Hoje é dia!

Conta meu tio-avô que quando ele era pequeno e morava no interior de Minas numa dessas vilas da zona Rural, um casal comprou um pedaço de bosque na região, cercaram todo o lugar e colocaram placas proibindo a entrada. Os moradores do lugar estranharam, mas não deram muita importância, todos eles gostavam de privacidade. O que realmente os incomodava era o fato de que seus novos vizinhos eram muito reclusos, o marido, seu Jonas saía algumas vezes para comprar alimento, mas quanto à esposa, parece que seu nome era Michela, só a viram uma única vez, quando eles chegaram.

Durante dois meses nada de estranho além do fato de quase nunca serem vistos, pareciam pessoas normais. Depois de dois meses nessa calmaria, alguns

acontecimentos começaram a preocupar e inquietar os moradores da redondeza, os pequenos animais domésticos começaram a desaparecer, começaram com animais de casa, gatos, galinhas, pintinhos e patos. Com o passar dos meses os desaparecimentos foram ficando mais sérios e os cães de caça, carneiros e bodes também começaram a sumir, a comunidade então começou a se preocupar. Um dos fazendeiros acabou por perceber um padrão, os animais só eram roubados durante a lua crescente próximo a lua cheia, presumivelmente por causa da claridade, ele deveria ter se perguntado e porque não na lua cheia quando seria mais claro, mas não o fez.

Os fazendeiros da região, cansados de serem roubados resolveram se juntar e procurar o responsável, começaram por organizar um grupo de busca e a varrer com cães de caça toda a região, todas as fazendas foram revistadas e nada de estranho foi encontrado, nenhuma carcaça, pegada, nada de anormal.

O grupo já tinha visitado todas as propriedades menos uma, por questão de educação e política de boa vizinhança, apesar dos novos vizinhos não darem queixa de desaparecimento de animais e de não terem sido convidados para participar do grupo de busca, eles deveriam ter sua propriedade revistada, poderiam estar usando os bosques da propriedade como esconderijo para os animais roubados. Chegaram lá à tardinha quando começando a escurecer, esta seria noite de lua cheia. Tudo iria acabar aquela noite.

Alguns dos que foram lá àquela noite contam a historia mais fantástica, dizem somente para seus familiares, com medo de serem chamados de loucos, que ao chegaram à terra dos novos vizinhos chamaram ao portão da casa, mas não obtiveram respostas, e já iam desistir quando ouviram, gritos de mulher, eles então não pensaram duas vezes arrobaram o portão e se embrenharam no bosque atrás dos gritos que eram horríveis como se a mulher estivesse sendo espancada. Chegaram então a uma clareira no meio do bosque e o que viram deixou muitos deles literalmente com cabelos brancos. A mulher, dona Michela, estava na sombra, meio curvada diante de que parecia ser um monte de entulho, puderam perceber que ela estava toda suja, e ao se aproximarem para ajudá-la viram que, seus braços e pernas e todo o corpo estava com pelos grossos crescendo e sua cabeça estava esticada, lembrava uma cabeça de cachorro ou lobo, e ela estava impregnada de sangue e que o monte de entulho na verdade eram alguns animais que haviam sumido das fazendas.

Os fazendeiros ficaram com tanto horror que tentaram até espancar e prender a mulher, mas o marido entrou no meio e pediu misericórdia. Disse que aquilo era uma praga e que sua esposa era uma boa pessoa. Explicou que não tinha mais animais na fazenda deles pra ela comer quando se transformava e que por isso ele roubava os animais dos outros e levava para ela, mas que, se esse povo misericordioso permitisse, os dois iam sumir no mundo e nunca mais ninguém ia ouvir falar deles. Se é verdade ou não eu não sei, só sei que até hoje, lá na roça, quando algum animal some em dia de lua cheia todo mundo diz com voz de espanto: hoje é dia de lobisomem!²

² <http://goo.gl/0IACok>

Em seguida, distribuí folhas brancas e pedi a eles que produzissem um texto sobre lobisomem ou que recontassem a história que eu havia lido ou que se baseassem em seus elementos principais do modo que eles quisessem, podendo mudar o nome dos personagens e o ambiente, mas que fizessem em modelo de conto, sob a forma de narrativa. Sugeri ainda que fizessem a atividade com capricho, pois faria uma exposição com as melhores. Ao final da aula recolhi 26 textos e levei para ler em casa.

Aula 2

Na segunda aula devolvi os textos aos alunos dizendo que havia lido todas as produções e que haviam ficado muito criativas. Relatei que havia apreciado e que gostaria de levar todas para apresentar para minha turma na faculdade. Em seguida, disponibilizei papéis coloridos, folhas brancas, tesouras, rolos de papel higiênico, palitos de picolé, durex, cola e outros materiais para que os alunos construíssem um mural, o enfeitassem com elementos que representassem os personagens do conto e expusessem os contos produzidos por toda a turma. Eles se animaram muito e logo se alvoruçaram, dando início às atividades. Trouxe as folhas de papel pardo e colei os textos deixando espaço para que os alunos colassem suas produções artísticas.

Aula 3

Na terceira aula preguei o mural pronto na parede e convidei os alunos da própria turma para irem à frente da sala observar suas produções. Convidei as professoras das outras disciplinas para verem e os próprios alunos tiveram que explicar o que eles fizeram. As crianças se apresentaram, de modo geral, muito interessadas, todos queriam participar das exposições e a turma sugeriu que o mural fosse exposto no pátio. Escolhi alguns alunos para me ajudarem a levar e a colar o mural no espaço aberto da escola e a turma se revezou em grupos para convidar e explicar a atividade aos outros alunos da escola. Ao final da aula recolhi o mural e o levei comigo com a promessa de que seria exposto também na minha faculdade.



Figura 1 – Trabalho dos alunos.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

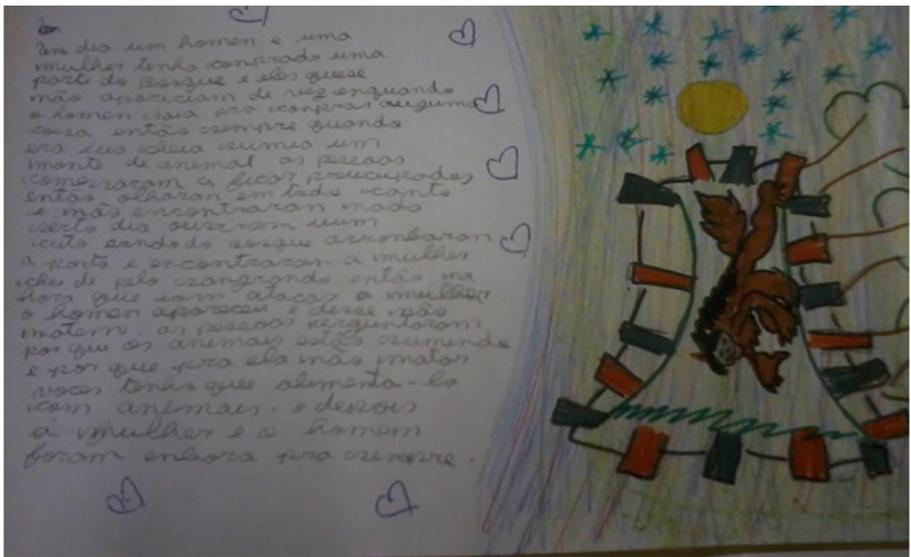


Figura 2 – Trabalho dos alunos.
Fonte: arquivo pessoal da autora.



Figura 3 – Trabalho dos alunos
Fonte: arquivo pessoal da autora.

14 . Do projeto à aula no estágio de Língua Portuguesa

Avaliação e considerações finais

A avaliação foi feita com o intuito de verificar se as atividades aplicadas alcançaram os objetivos propostos. Através da participação e envolvimento dos alunos no decorrer das atividades e das formas de produção, pude observar que eles gostaram do tema e tiveram interesse em escrever e criar os textos. Por meio das explicações orais, pude perceber que eles assimilaram alguns conceitos, relacionados aos elementos da narrativa, explorados durante a atividade.

Percebi que os alunos se sentiram muito motivados a compartilhar suas produções e que muitos dos fatos representados nos textos ou o modo como eles são tratados refletem aspectos pessoais dos alunos, como vivências, dificuldades particulares e expõem o capital cultural que eles trazem para a escola, o que pode ser aproveitado pelo professor para conhecer e se relacionar melhor com seus alunos, percebendo-os como sujeitos.

Pude observar também que a exposição das produções dos textos foi essencial no processo de escrita. Questões, como, para quem? E para quê? Escrever devem sempre estar clara para os alunos. Os textos podem ser utilizados também como diagnóstico para se trabalhar os principais erros e defasagens de aspectos normativos da escrita apresentados pela turma. O professor pode, a partir das dificuldades identificadas, planejar suas aulas abordando os tópicos necessários ao domínio da habilidade da escrita, como pontuação, concordância, paragrafação, construção de título, etc.

Observei, principalmente, que, ao contrário do que muitas vezes acontece na escola, toda produção deve ser valorizada, mesmo quando não se alcançaram os objetivos inicialmente propostos, pois ela é uma produção do aluno e deve ser considerada e trabalhada de forma a incentivar o crescimento dos estudantes como indivíduos socialmente valorizados.

Referências

ABREU, M. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AGUIAR, V. T.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. *Proposições Curriculares do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Belo Horizonte, SMED, 2010.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Disponível em: <<http://goo.gl/hyDwOi>>. Acesso em: 4 maio 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. *Currículo Básico Comum*. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/2VrG8G>>. Acesso em: 4 maio 2015.

SOUTO, A. M. S.; SOUSA, V. *Currículo Básico Comum de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental* – CBC.

Texto adaptado de Um conto de lobisomen, disponível em: <<http://goo.gl/0IACok>>. Acesso em: 10 maio 2017.

O *internetês* como ferramenta para o ensino de Português

Gabriela Gomes de Oliveira

Introdução

O uso da internet e das redes sociais está cada vez mais enraizado em nossa cultura. Os jovens estão sempre conectados, seja por meio do celular ou mesmo do computador. Em sala de aula isso não é diferente, pois é muito frequente surpreender um ou outro aluno fazendo uso de algum aparelho eletrônico durante as aulas ou nos intervalos delas. Essa ferramenta, apesar de ser um meio de distração, pode se tornar um instrumento muito útil ao professor de Português. Uma das funções principais da internet é a comunicação e esse também é um dos objetivos das aulas de Língua Portuguesa. Sabendo disso, o professor pode se apoderar das novas formas de linguagem e de interação que surgiram através da tecnologia e incorporá-las nas aulas de Português.

Tendo em vista esta temática, é pretendido neste projeto a realização de exercícios de retextualização de seis textos escritos em linguagem *internetês*. As duas turmas que trabalharam com estes textos pertencem ao nono ano do Ensino Fundamental de escola da rede estadual de educação. A escola conta com turmas que vão do primeiro ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio, divididas em três períodos – manhã, tarde e noite.

Trabalhar a retextualização de textos do *internetês* foi a forma encontrada para chamar a atenção dessas turmas tão heterogêneas, a fim de que esses alunos possam discutir sobre o tema internet e contextualizá-lo com seu cotidiano. A ferramenta de retextualizar tem o intuito de possibilitar o trabalho com tempos verbais, conjugação dos verbos, pontuação, acentuação e, principalmente, produção e interpretação de texto. Desta forma, parece possível relacionar um tema tão presente na vida dos alunos – a internet – com aspectos da língua portuguesa.

Torna-se necessário, portanto, compreender quais são os conceitos que permeiam o termo retextualização e suas implicações no projeto em questão. Para tanto, serão apresentados apontamentos acerca deste tema a fim de esclarecer o modo como ele aqui é trabalhado. A partir dessas concepções, serão apresentados os trabalhos realizados pelos alunos juntamente com a análise dos pontos por eles desenvolvidos.

A produção textual a partir do uso de diferentes ferramentas

A produção escrita na escola é um fator diferencial que propicia uma maior interação com a língua materna. Saber lidar com o texto, entretanto, parece uma tarefa complicada que requer cuidado, paciência e muita criatividade por parte do professor de Português. É perceptível que muitos alunos não dominam essa área e, muitas vezes, o próprio professor foge um pouco de atividades que pertencem a este domínio.

A capacidade de formulação, assim como a interpretação textual, é o resultado de um intenso trabalho voltado para a prática e sua importância é vital para o completo aprendizado do português, como afirma Vitorino,

trata-se de uma possibilidade de ensino de língua realmente significativo, tanto por considerar a necessidade de se propiciar ao aluno recursos diferenciados que lhe favoreçam o domínio do dialeto padrão quanto por levar em conta a importância de se produzirem textos cujos registros requeiram outras variedades dialetais.³

Dito isto, parece de extrema importância a realização de atividades que permeiam este tema. Cabe ao professor incentivar seus alunos a praticarem a produção textual através de exercícios que possibilitem a interação entre a imaginação e a língua portuguesa. Este artigo, porém, não está focado na elaboração de tarefas que ajudem a alavancar o uso do texto em sala de aula. Ele se baseia em dois termos que, apesar de diferentes se lidos isoladamente, apresentam bastante similaridade se trabalhados juntos: o *internetês* e a retextualização.

³ VITORINO. *A palavra é retextualizar*.

O que é o internetês?

No contexto tão globalizado em que vivemos, nos deparamos cada vez mais com novas tecnologias que estão presentes em nosso cotidiano. Se antes o uso do computador era restrito a apenas determinadas classes da nossa sociedade, hoje todos têm acesso a esta ferramenta. Melhor ainda, todos dispõem de outras formas de comunicação como *smartphones*, *tablets*, etc.

A diversidade encontrada ao transmitir uma mensagem foi modificando também a forma como essa mensagem é escrita. Nos tempos em que a internet não existia ou não era acessível à massa, escreviam-se longas cartas que logo eram enviadas por correio. Esta era uma das formas mais utilizadas quando se pensava em comunicação a longa distância. Claro que possuíamos também o telefone como meio de comunicação, mas este ainda era considerado um produto de luxo.

A facilidade e a rapidez ao enviar mensagens com a chegada efetiva da internet foi um fator decisivo para a diminuição do envio de cartas e, claro, as informações estavam ali, à disposição do internauta. Basta abrir uma nova página para ler as notícias do dia, enviar um e-mail para alguém ou até mesmo escrever os próprios textos. Através dos blogs, das redes sociais e de tantos outros veículos de comunicação dentro da internet, aumentou-se consideravelmente a circulação de vídeos, fotos e, conseqüentemente, de textos verbais.

A produção textual está sempre presente no cotidiano de quem posta um comentário através do Facebook ou envia uma mensagem através do WhatsApp. Contudo, a forma da escrita já não é mais a mesma daquela utilizada nas cartas ou nos romances que sempre foram referências para a escrita padrão. A construção textual cercada de abreviações, assim como o desmoronamento da acentuação e da pontuação caracterizam a linguagem da internet: o *internetês*.

“Para além do *internetês*, a internet está mudando a maneira como lemos e escrevemos”, afirma Edgard Murano em sua publicação pela revista *Língua* e nos mostra perfeitamente a importância da internet na produção de texto numa era tão digital. Em seu artigo, Murano ainda argumenta acerca da coloquialidade encontrada na internet, o que também nos ajuda a definir o conceito de *internetês*:

o texto da internet é um texto em geral mais coloquial, menos “literário”, no sentido de ser mediado por truques de estilo. A internet não inventou a coloquialidade, mas fez com que ela passasse a soar mais natural para muito mais gente e, conseqüentemente ao menos, virou um certo padrão. [...]. A internet deixou o leitor mais receptivo e participativo, pois recebe informações em diferentes linguagens e por meio de leituras não lineares. O texto até então “sagrado” se torna mais acessível. Se antes o ato de ler era algo distante, a internet acabou com isso, o que é positivo.¹

Vemos, portanto, que o *internetês* é uma linguagem típica da internet e possui características específicas que nada se assemelham ao português padrão. Ela está associada à coloquialidade e é utilizada normalmente em salas de bate papo e em conversas informais nas redes sociais. A nova forma de escrever colabora também para que a mensagem seja enviada mais rapidamente, com a intenção de conversar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Além disso, ela também conta com o uso de figuras virtuais que caracterizam expressões, como felicidade, medo, alegria, entre outras, os chamados *emoticons*.

Outro importante apontamento acerca do *internetês* foi aquele apresentado por Komesu e Tenani em seu artigo “Considerações sobre o conceito de ‘internetês’ nos estudos da linguagem”. Para as autoras, analisar o *internetês* permite identificar os traços de heterogeneidade que constituem a língua. Ainda segundo elas, essa linguagem seria:

uma prática de escrita caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão [...] razão pela qual seus adeptos são tomados como assassinos da língua portuguesa, do ponto de vista dos avessos a essa prática de escrita. A prática de abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, são alguns dos traços que podem ser observados na ortografia desse texto.²

Apresentando posicionamento semelhante ao de Murano, Komesu e Tenani consideram que o *internetês* foge da escrita dominante, a padrão, e apresenta suas próprias singularidades. Todas as características acima citadas refletem o caráter coloquial desta linguagem o que, porém, não minimiza sua importância dentro de nossa cultura

¹ MURANO. *O texto na era digital*.

² KOMESU; TENANI. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. p. 624.

linguística. Como afirmado pelas autoras, existem aqueles que não são adeptos a essa prática de escrita e tendem a classificá-la como incorreta. Contudo, o posicionamento aqui defendido é o de que essa linguagem está totalmente inserida em nossa sociedade e, através de práticas diferenciadas de escrita, como a retextualização, torna-se possível a interação entre o *internetês* e o português padrão.

Retextualizando

O uso da retextualização nas aulas de Português pode se tornar uma boa ferramenta nas mãos do professor. Contudo, o primeiro passo é entender esse conceito para depois ter como foco o contexto de sala de aula. Vários autores tratam deste tema e, por isso, é fácil encontrar inúmeras definições do termo *retextualizar*. Matencio, por exemplo, afirma que

retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade.³

Contamos também com a definição de Dell’Isola que explica que o conceito de retextualização é um “processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e uma reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem”.⁴

A partir dessas definições, pode-se entender a retextualização como um processo que parte de um texto-base com o objetivo de transformá-lo em outro texto, que apresenta características distintas àquelas que se encontram no primeiro. Ao retextualizar, reescrevemos o texto podendo realizar mudanças internas, como de gênero, de linguagem, etc. É viável, por exemplo, retextualizar um texto oral e

³ MATENCIO. *Referenciação e retextualização de textos acadêmicos*: um estudo do resumo e da resenha, p. 3-4.

⁴ DELL’ISOLA. *Retextualização de gêneros escritos*, p. 10.

transformá-lo em escrito ou retextualizar um poema e transformá-lo em prosa.

As possibilidades de trabalhar com a retextualização nas aulas de português são muitas. O professor pode propor um trabalho com histórias infantis, poemas, cantigas, quadrinhos, músicas, contos, etc. Além disso, ele poderá se atentar mais aos conhecimentos que cada aluno carrega consigo para enriquecer uma atividade como essa e valorizar a produção textual da turma.

O contexto da escola

Trabalhar com o *internetês* associado à retextualização nas aulas de Português tornou-se uma grande ajuda para abordar diferentes conteúdos que estão relacionados à língua. Posteriormente será apresentado todo o processo de elaboração e efetivação deste projeto, contudo, faz-se necessário conhecer o contexto em que esse trabalho foi aplicado e entender um pouco mais sobre a escola escolhida para tanto.

A escola onde foi realizado o projeto é de natureza pública. A instituição existe há pouco tempo e sua construção ocorreu devido à grande demanda de alunos que frequentavam sua antiga sede. Esta escola comportava um elevado número de turmas, desde os primeiros até os anos finais da Educação Básica. Contudo, o espaço físico já não sustentava esse crescente aumento no número de matriculados, forçando a construção de uma nova escola. A nova escola foi inaugurada em 2007 e a divisão das turmas aconteceu da seguinte forma: os anos iniciais (do primeiro ao quinto ano) permaneceram na antiga escola e os demais (do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio), foram transferidos para a nova sede.

Como citado acima, os níveis de ensino estão divididos do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio. Estes níveis estão alternados nos três turnos de funcionamento da escola: manhã, tarde e noite. O período da manhã acontece de 7h às 11h30min, o turno da tarde de 13h às 17h30min e o turno da noite de 18h às 22h30min. Além disso, – no período noturno – a escola dispõe

do ensino do pós-médio, ou seja, o magistério, e também da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O espaço físico da escola é constituído de amplas salas de aula, cuja estrutura é composta por um quadro negro, cerca de quarenta cadeiras e carteiras enfileiradas, aproximadamente duas janelas por sala, cortinado, ventilador e, claro, a mesa do professor. Infelizmente, esses materiais não estão bem conservados e pode-se perceber que muitas lousas apresentam arranhões, assim como algumas mesas. As paredes das salas não contêm muitos cartazes ou figuras coloridas, além disso, elas estão um pouco manchadas e sem vida. A estrutura externa à sala de aula é composta de um laboratório para as aulas de química, física e biologia, um pátio amplo com jardim e muitas flores, aparentando ser bem cuidado, além da cantina que possui várias mesas e que ocupa um espaço razoável. A escola dispõe também de uma quadra de esportes coberta, uma sala de vídeo bem equipada com computador, televisão e aparelho retroprojeter e biblioteca.

A biblioteca possui armários largos onde os livros são organizados por temas e matérias. Lá, podem ser encontrados livros das mais diferentes disciplinas, tais como, Geografia, História, Inglês, Biologia, Sociologia, Matemática, Artes, assim como vários dicionários e mapas. Na parte que corresponde à Língua Portuguesa, além de encontrarmos os livros didáticos desta disciplina, encontramos também um grande acervo de obras literárias. Nesta coleção, estão os autores José de Alencar, Luiz Fernando Veríssimo, Jorge Amado, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Martins Pena, etc. Esses livros são escolhidos pelos professores de Português e o estado envia uma verba, esporadicamente, para a compra deste material. Já a circulação dos livros didáticos específicos dos conteúdos é liberada pela Secretaria de Estado da Educação. Estes são enviados pelos Correios, conferidos pelo servidor e armazenados pelo mesmo. A cada período letivo esses livros são entregues aos alunos e, ao final das aulas, são devolvidos. É importante ressaltar que o estado não contrata um bibliotecário para assumir as tarefas da biblioteca, esta função cabe aos professores em uso da biblioteca.

Entre os espaços de convivência dos alunos está a própria biblioteca, lugar onde eles ensaiam peças teatrais, frequentam na hora do recreio, utilizam para fazer trabalhos e se encontram nos momentos de atividades fora da sala de aula, como na educação física. Além da biblioteca, podemos citar a quadra de esportes, a cantina e o pátio como locais de encontro para os alunos. Já as dependências administrativas são compostas por quatro salas: a secretaria geral, a sala da supervisora da escola, sala da diretoria e a sala dos professores. Estes locais são frequentados basicamente por funcionários, a não ser que ocorra algum problema com o aluno e sua família tenha que comparecer à escola.

O método avaliativo é composto por provas bimestrais de todas as disciplinas, além de ser frequente, por parte do professor, a distribuição de pontos a partir do capricho com o caderno. Além disso, a escola possui vários projetos que incentivam os alunos a refletirem sobre muitos temas variados, como consciência negra, água, meio ambiente e diversidade cultural. As festas julinas também são outro atrativo que mobiliza toda a comunidade escolar e acontece anualmente.

Justificativa

A globalização e o avanço da tecnologia proporcionaram à sociedade um livre acesso aos meios de comunicação. Isso influenciou a nossa forma de agir, de pensar e de ver o mundo, uma vez que novas informações se tornaram viáveis através do uso da internet. Ou seja, para termos qualquer tipo de informação, seja sobre economia, cultura, notícias do cotidiano ou até mesmo aprender um novo idioma, basta nos conectarmos e tudo estará disposto em apenas um clique.

Esse novo comportamento social reflete, e muito, no mundo escolar. As crianças de hoje possuem os conhecimentos necessários para acessar um computador, pastas, arquivos e *sites*. Elas fazem *download* de filmes, músicas, vídeos, além de sempre estarem antenadas a tudo o que as rodeia. Diante disso, é importante que o professor não feche os olhos para esse fenômeno. Parece necessário um diálogo entre as aulas convencionais e as novas formas de comunicação que também podem se transformar em ferramentas do saber.

Para inserir em sala de aula algo que possa transitar tanto no campo da língua portuguesa quanto no campo das redes sociais, foi proposto um exercício de retextualização, ou seja, “dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero, o que foi dito ou escrito por alguém”.⁵ Para o exercício pretendido, foram distribuídos seis pequenos textos escritos na linguagem típica da internet – o *internetês*. Com esse material, os alunos tiveram a possibilidade de reescrever os textos realizando as adaptações necessárias, de modo que seja possível entendê-los e interpretá-los. A ideia principal foi refazer estes escritos tão cheios de abreviações e sem a acentuação adequada à norma do português padrão, de forma que os alunos pudessem inserir aspectos da forma padrão dentro de um contexto específico: a internet.

Entende-se que a definição do português dito formal ou informal, para fins de realização deste trabalho, é baseada na descrição feita abaixo:

os conceitos linguagem formal e linguagem informal estão sobretudo associados ao contexto social em que a fala é produzida. Num contexto em que o falante está rodeado pela família ou pelos amigos, normalmente emprega uma linguagem informal, podendo usar expressões normalmente não usadas em discursos públicos (palavrões ou palavras com um sentido figurado que apenas os elementos do grupo conhecem) [...] A linguagem formal, pelo contrário, é aquela que os falantes usam quando não existe essa familiaridade, quando se dirigem aos superiores hierárquicos ou quando têm de falar para um público mais alargado ou desconhecido. É a linguagem que normalmente podemos observar nos discursos públicos, nas reuniões de trabalho, nas salas de aula, etc.⁶

Fica evidente que o português formal aqui entendido baseia-se, principalmente, no contexto social do falante. Não foram abordadas concepções que se referem à gramática normativa da língua portuguesa, ao contrário, a interação social foi apresentada como o fator que delimita o uso de uma ou outra linguagem. Foi pensando neste viés mais interativo que a tarefa foi repassada às turmas, fugindo das nomenclaturas gramaticais.

⁵ VITORINO. *A palavra é retextualizar*.

⁶ <https://goo.gl/1JP5SS>

Com a finalidade de acentuar os conhecimentos em língua portuguesa já adquiridos pelos alunos, o exercício, aqui proposto, teve como objetivo realizar diferentes interpretações textuais e elaborar uma forma de transferir o conteúdo, ali disposto, para o português formal. Através de um tema que despertasse o interesse da classe foi possível trabalhar as estruturas das frases, tempos verbais, acentuação, pontuação dentre outros tópicos. Para tanto, a presença do professor, neste caso da estagiária, se tornou imprescindível, uma vez que ela se tornou o guia desta tarefa e pôde analisar a competência de cada aluno e a forma como o exercício deveria ser aplicado.

Nessa proposta, o professor deve levar em conta, exatamente, a competência linguística de que os alunos já dispõem, por serem falantes nativos de Língua Portuguesa. Também, cabe ao professor guiar os educandos na direção da aquisição da flexibilidade linguística necessária para o desempenho adequado dos atos linguísticos diversos que deverá estar preparado a realizar.⁷

Considerar a competência linguística dos alunos é um fator muito importante para a elaboração de qualquer tarefa, assim como a utilização de textos atuais que podem ser apontados, sobretudo, como um grande incentivo para os mesmos. A partir do momento em que os educandos têm contato com diversos textos escritos em *internetês*, ocorre, automaticamente, uma identificação com suas maneiras próprias de escrever em um ambiente tão livre como a internet. Despertar, portanto, o entusiasmo parece ser o primeiro passo para introduzir alguma atividade voltada para um conceito mais teórico, como é o caso da retextualização.

Metodologia

Seis pequenos textos foram apresentados aos alunos das turmas 904 e 905 da Escola Estadual Alizon Themóter Costa para que eles fizessem uma retextualização que, neste caso, consistiu em transformar a linguagem do *internetês* em português padrão.

⁷ VITORINO. *A palavra é retextualizar*.

A vda mee ensinou ...

Qee foortes amrs akbam em uma noite,
Qee mlhrs amgs pdm se tornar grdes inimigos,
Qee "praa smpre "smpre tem um fim,
Qee nda eh mlhr nsse mundo do qee os braÃ§os de uma mae...

Olhe pra tras tarde d + pr ver a estrla caaadent adormec e nuc v o sol morr eu
tha seu amor cmo cert ,se vc se import cmig deix m ganh o seu amooooor estela
p mim e nuc achei q perder d md vc nuc deixar 1 grto cmo eu ,f bric com fgo
e sai qimad eis a liçaum q apred...q nuc sabemos o q as pess set realmt...bjs
foi uma hist q acont entr 2 amogs mas td deru inic por caus de uma doença.

Critiks

critiks ñ mi abalão
elogios ñ mi elevam
sou oq sou
ñ oq pnsao
ñ mi espelho em ngm
sigu meus prpios comceitos
ants d mi emveja tnt
mi spr pois
a frsa da tuai imveja ñ
ñ vlcidad do meu sucesso...:)

Ai se cc

c hum dia nos se gostasse
c hum dia nos se krece
c hum dia nos se empariasse
c jutim nos 2 vivec
c jutim nod 2 morac
c jutim nois 2 dormic
c jutim nos 2 morrec
c p ceu nos 2 subic
+ porém c acontecec d são pedro n abric
a porta do ceu a.
d eu dz qlquer tolic
i c eu m arremiac
i tuh cm eu insstic
p qe eu m arrezovec
i minha fak puxac
i o buxo do ceu furac
tlvez nos 2 fikac

esclarecimento das atividades. Os alunos foram divididos em grupos de quatro a cinco pessoas, a fim de que houvesse uma interação entre eles durante o processo criativo. Os seis pequenos textos foram entregues para cada grupo. Cada aluno recebeu uma cópia dos textos, porém, o grupo deveria realizar a retextualização em apenas uma folha. A estagiária auxiliou os alunos na realização da tarefa, esclarecendo possíveis dúvidas quanto ao vocabulário, interpretação, etc. Ao final do primeiro dia do projeto, os alunos entregaram à estagiária os textos que até aquele momento foram produzidos.

No segundo dia do projeto, a estagiária entregou novamente os textos produzidos pelos alunos para que em trinta minutos eles os concluíssem. Assim como no primeiro dia, a estagiária esclareceu possíveis dúvidas referentes às atividades. Restando vinte minutos para o término da aula, os alunos deveriam encerrar as atividades mesmo que não tivessem terminado todo o exercício proposto. Posteriormente, cada grupo leu sua versão para os demais e, ao final, escolhemos o texto que mais se encaixou à proposta da atividade. Foram levados em conta critérios, como interpretação e produção textual, pontuação, acentuação, conjugação verbal e, claro, criatividade.

Resultados

Como já mencionado, foram trabalhados seis textos em linguagem *internetês*, porém, a fim de exemplificar o trabalho feito, serão apresentados apenas dois. O primeiro texto corresponde a um poema criado por alunos do Ensino Fundamental e, assim como o texto seguinte, foi retirado de um site de uma professora de Português e publicado por ela mesma.

A vda mee ensinou ...
Qee foortes amrs akbam em uma noite,
Qee mlhrs amgs pdm se tornar grdes inimigos,
Qee "praa smpre" smpre tem um fim,
Qee nda eh mlhr nsse mundo do qee os braÃ§os de uma mae...

Esse primeiro texto trabalhado foi o que mais chamou a atenção dos alunos. Eles se identificaram com o modo da escrita e as-

sumiram escrever assim nas redes sociais. O texto também foi considerado o mais fácil de retextualizar e, abaixo, veremos um dos resultados. Retextualização de um grupo de alunos da turma 904:

A vida me ensinou que fortes amores acabam em uma noite, que melhores amigos podem se tornar grandes inimigos, que tudo sempre tem um fim, que nada é melhor do que um abraço de mãe.

Fica evidente neste primeiro texto que as características próprias do *internetês*, como a falta de acentuação e a abreviação estão presentes. Ocorre também a substituição de sílabas por letras que contenham o mesmo som, como em *akbam*. Ao verificar a retextualização feita pelos alunos, é possível identificar que houve uma mudança de gênero textual – de poema para prosa. Além disso, os alunos tiveram o cuidado de pontuar as sentenças assim como conjugar corretamente o plural.

O segundo texto, contudo, acarretou maior dificuldade por parte dos alunos. As incompreensões foram notórias e os alunos tiveram que usar da criatividade para interpretá-lo:

Olhe pra tras tarde d + pr ver a estrla caaadent adormec e nuc v o sol morr eu tha seu amor cmo cert ,se vc se import cmig deix m ganh o seu amooooo estela p mim e nuc achei q perder d md vc nuc deixar 1 grto cmo eu ,f bric com fgo e sai qimad eis a liçaum q apred...q nuc sabemos o q as pess set realmt...bjs foi uma hist q acont entr 2 amogs mas td deru inic por caus de uma doença.

O primeiro resultado vem de um grupo de alunos da turma 904 e, o segundo, da turma 905:

Olhe para trás, tarde demais pra ver a estrela cadente adormecer e nunca ver o sol se pôr. Eu tinha o seu amor como certo, se você se importa comigo deixe-me ganhar o seu amor que é uma estrela para mim. Nunca achei que você iria perder um garoto como eu, fui brincar com fogo e saí queimado, eis a lição que aprendi, porque nunca sabemos o que realmente sentem as pessoas. Beijos! Foi uma história que aconteceu entre dois amigos, mas tudo deu início por causa de uma doença.

Olhe para trás, tarde demais para ver a estrela cadente adormecer e nunca ver o sol morrer. Eu tenho seu amor como certo, se você se importa comigo deixe-me ganhar o seu amor. Estrela, para mim, eu nunca achei que perderia você de medo. Nunca deixe um garoto como eu ficar brincando com fogo e sair queimado, eis a lição que se aprende... que nunca sabemos o que as pessoas sentem realmente... beijos, essa história que aconteceu entre dois amigos, mas tudo começou por causa de uma doença.

É possível observar que em meio à dificuldade encontrada, os alunos conseguiram realizar a tarefa com sucesso. Além de acrescentarem a pontuação necessária, eles excluíram as abreviações do texto-base. Entretanto, o aspecto mais relevante desta retextualização foi a pluralidade de interpretações e de elaboração textual. Nota-se, claramente, que, embora o texto em *internetês* fosse o mesmo, cada grupo o retextualizou de forma diferente.

O primeiro grupo optou por utilizar a seguinte construção no texto: "Eu tinha o seu amor como certo, se você se importa comigo deixe-me ganhar o seu amor que é uma estrela para mim.", enquanto o segundo grupo preferiu dividi-la em duas partes, obtendo um resultado totalmente diferente: "Eu tenho seu amor como certo, se você se importa comigo deixe-me ganhar o seu amor. Estrela, para mim, eu nunca achei que perderia você de medo."

As atividades de retextualização possibilitaram uma maior interação entre os alunos, visto que os grupos puderam saber quais foram as formas encontradas pelos colegas para realizar a tarefa. A comparação das versões finais de cada texto retextualizado também contribuiu para a discussão saudável dentro de sala. Surgiram muitas dúvidas com relação ao vocabulário e, muitas vezes, nem os próprios alunos conseguiram entender as frases contidas em alguns textos.

Ao se depararem com a dificuldade de interpretação de alguns escritos, os alunos se deram conta da importância em saber qual o momento propício para a utilização de cada tipo de linguagem. Como já sabemos, o *internetês* é uma linguagem tida como coloquial, rica em abreviações e pobre em acentuação e pontuação. Mas, apesar dessas características, ele é um tipo de linguagem que circula cada vez mais em nosso meio. Com esse exercício, os alunos puderam identificar

qual o melhor uso da forma e em qual ocasião deve-se usar o *internetês* ou a linguagem formal.

Foi possível relacionar a maneira como os alunos escrevem nas redes sociais e isso despertou grande empolgação. Eles próprios se identificaram com os textos e citaram exemplos muito ricos de outros estilos, e talvez novos, de se escrever na internet. Além disso, através dos relatos desses jovens, entendeu-se que a escrita não desapareceu com a tecnologia. Apesar de eles não escreverem trechos longos ou mensagens formais, os alunos escrevem bastante, utilizando, porém, textos curtos e mensagens rápidas.

Durante o processo de produção da retextualização, os alunos apresentaram dificuldade em interpretação de texto e, até mesmo aqueles textos mais fáceis, foram alvo de interrogação. Nota-se que essas turmas trabalhadas não tiveram muito acesso à leitura e isso foi percebido através das observações feitas pela estagiária. Nas aulas de Português, os alunos copiam a matéria do quadro e não recebem nenhum tipo de informação que os ajude a contextualizar o que é dado. Além disso, eles não são incentivados a utilizar o livro didático.

A monotonia das aulas de português observadas também parece ser um motivo para a desmotivação dos alunos. A professora em questão exerce a função há quinze anos e, mesmo assim, não parece se atualizar em relação às novas formas de ensino. Suas aulas não atraem os alunos e, durante o tempo de observação, foram dadas apenas atividades gramaticais que não foram contextualizadas.

A escrita também foi foco da observação em sala de aula. As duas turmas analisadas não possuem o hábito de escrever livremente e não há atividades de produção textual. Através da retextualização, foi possível perceber que os alunos não conseguem construir sentenças simples e sempre entram em um modo mecânico, deixando a criatividade de lado.

Contudo, parece que esse trabalho enriqueceu e valorizou os conhecimentos que os alunos já carregam. Eles tiveram interesse em discutir, pensar sobre o texto, arranjar novas formas de elaboração das frases, interagir com o colega e, principalmente, usar o lado criativo para elaborar a produção textual.

Com esse resultado, conclui-se que é possível trabalhar com a retextualização nas aulas de Português a partir de pontos diversos. O tema escolhido para o projeto foi muito bem recebido justamente por se tratar de um tópico atual. Além de os alunos das duas turmas terem se identificado com os textos apresentados, os trabalhos foram muito variados. Como exemplificado acima, as duas turmas fizeram interpretações diferentes e com isso, foi acentuado e afluído o lado criativo de cada um, de modo que todos os componentes dos grupos usassem o conhecimento pessoal para a elaboração da atividade.

Considerações finais

O exercício de retextualização serve como uma ferramenta para a introdução mais acentuada da interpretação e produção de texto nas aulas de Português. Esse projeto deixou claro a importância de se escrever não somente romances ou redações. Incentivar o aluno ao ofício da escrita pode ser prazeroso e render trabalhos bem diferentes e interessantes, como os aqui mostrados.

Embora esse tema seja bastante atual e bata à nossa porta, ainda é frequente encontrar aqueles que não são adeptos às novas temáticas, principalmente em sala de aula. Portanto, são necessários mais estudos na área a fim de ampliar a percepção e o entendimento do que seja efetivamente o *internetês* e comprovar, ou não, a sua aceitabilidade e eficácia no âmbito escolar.

Este trabalho teve como objetivo abordar essa nova linguagem através da perspectiva da retextualização e verificar seu uso nas aulas de português. Como resultado, foram apresentados trabalhos bastante heterogêneos, além de ser evidente a empolgação dos alunos ao realizar uma tarefa que esteja dentro de seu contexto social. Fica claro que o *internetês*, se trabalhado adequadamente pelo professor, pode se tornar um aliado para suas aulas.

Referências

DELL'ISOLA, R. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. (Coleção Tópicos em Linguagem).

KOMESU, F.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de "internetês" nos estudos da linguagem.

Linguagem em (Dis)curso. Palhoça, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/xtVoXO>>. Acesso em: 5 maio 2017.

MATENCIO, M. L. M. *Referenciação e retextualização de textos acadêmicos*: um estudo do resumo e da resenha. Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN, mar. 2003.

MURANO, E. O texto na era digital. *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Segmento. Ano 5, n. 64, fev. 2011.

RAMILO, M. C. *Linguagem formal e linguagem informal*. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://goo.gl/DZO722>> . Acesso em: 4 ago. 2016.

VITORINO, G. D. S. A palavra é retextualizar. *Revista Presença Pedagógica*, v. 14, n. 82, jul./ago. 2008.

RAMILO. Disponível em: <<https://goo.gl/1JP5SS>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

Oficina de haikai para alunos do Ensino Fundamental II

Laura Júnia de Carvalho

Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o exercício da docência, no contexto da disciplina Análise da Prática do Estágio de Português I, quando se realiza o estágio relativo aos anos finais do Ensino Fundamental. Elabora-se, na disciplina, o projeto de estágio para ser aplicado em uma escola. Assim, a Oficina de haikai para alunos do Ensino Fundamental II foi aplicada em uma turma do oitavo ano de uma escola da rede estadual de educação de Minas Gerais. O projeto de ensino teve por objetivo principal apresentar o gênero literário aos alunos e propiciar um ambiente para leitura e produção de haikai.

De maneira geral, trabalhar com poesia é sempre um desafio, pois há sutilezas em sua construção que a diferenciam de um texto em prosa – como ritmo, métrica, rima, versos, estrofes, entre outras –, e fazer com que os alunos percebessem isso foi uma tarefa construída ao longo das aulas, pois não estavam acostumados a ler esse gênero literário. Foram utilizados como referencial teórico de apoio para o meu trabalho o livro *Sons, versos e ritmos*, de Norma Goldstein e um vídeo roteiro da escritora Heloisa Prieto, que auxilia o professor a ensinar leitura de poesia para crianças. No livro, a autora apresenta aspectos importantes para a análise de poesia, como rima, ritmo e métrica, que serão citados no decorrer das atividades desenvolvidas neste projeto. Já o vídeo roteiro apresenta técnicas importantes que devem ser consideradas no momento da leitura de poesia, pois auxiliam a construção de sentidos. Essas técnicas serão explicitadas também no desenvolvimento do artigo.

O tema haikai surgiu como uma alternativa para que os alunos se envolvessem com a atividade. Por ser um poema de três versos a maioria dos alunos achou que seria fácil fazê-lo, entretanto, a realização da oficina foi um desafio para todos. Além disso, por ser um texto

curto, foi possível dar mais atenção aos alunos no momento da produção, visitando-os em seus lugares e ajudando-os conforme as dúvidas apresentadas.

A ideia de fazer uma oficina na sala, tanto de produção quanto de leitura, surgiu durante as observações feitas ao longo do estágio na turma, pois percebi que as produções que os alunos faziam serviam apenas com o objetivo de correção gramatical. Em um episódio, no início do bimestre, a professora, após tratar de contos, pediu aos alunos que produzissem um conto de terror. Essas produções foram corrigidas pela professora e a impressão que tive foi a de que foram esquecidas nos cadernos. Ao pedir, depois de algum tempo, aos alunos para que me deixassem ler os contos que eles haviam produzido, muitos já nem se lembravam da produção. A sensação de ler essas produções foi muito motivadora para a criação da oficina, pois percebi que os textos eram ótimos, apesar de alguns problemas gramaticais. Os alunos produziram textos criativos e ricos em aspectos literários, no entanto, faltavam ambientes de produção, de circulação das produções e de leitura que promovessem um acesso maior de leitores aos textos produzidos pelos próprios alunos, o que serviria até mesmo como uma motivação para que os alunos participassem das atividades.

Outro ponto que considerei na hora da escolha do tema do projeto de estágio foi um questionamento que me fiz, ao longo das aulas acompanhadas, acerca de qual o papel do currículo escolar previsto para as aulas de português frente às realidades sociais dos alunos. Durante as observações, percebi que a professora usava um tempo de sua aula dizendo aos alunos que não usassem drogas, que escolhessem o melhor caminho a seguir, ou seja, destinando grande parte do tempo da aula aconselhando-os para se desviarem de uma realidade que está muito próxima deles, a violência.

Diante disso, pensei em qual seria o meu papel como observadora, pesquisadora e professora de modo a encarar essa realidade com uma perspectiva mais otimista, a fim de sugerir caminhos dentro do próprio currículo seguido pelo professor de Português e trazendo as questões sociais para dentro de sala sem desassociá-las da matéria prevista.

A literatura é uma ótima ferramenta para se pensar em um currículo interdisciplinar que atinja o social, pois ela tende a promover reflexões profundas acerca da realidade na qual estamos inseridos. Logo, a ideia de fazer uma oficina de haicai teve como premissa a possibilidade de propiciar, além da apreciação do texto literário, uma ferramenta de expressão e compreensão das mazelas sociais. Pude perceber, ainda que de maneira sutil, que muitos haicais de autoria dos alunos expressavam essa realidade.

Descrição do campo de estágio

O estágio foi realizado em uma escola da rede estadual de ensino, de natureza pública, localizada em Contagem, Minas Gerais. A escola oferece o Ensino Fundamental, nos períodos matutino e vespertino, o Ensino Médio, na parte da manhã e da noite, e o EJA (Educação de Jovens e Adultos), no período noturno.

Varia entre 36 e 40 a média de alunos por turma do oitavo ano, e há duas professoras de Português na escola, uma ministra aulas nas turmas do nono ano e do Ensino Médio e a outra, a minha orientadora, leciona para o oitavo ano.

A distribuição e organização dos alunos são bem contrastantes, existem salas que é pouco notável indisciplina, entretanto, há turmas nas quais a maioria dos alunos têm comportamento agressivo, o que leva a inferir que há uma pré-seleção dos alunos na hora de organizá-los em turmas. Esse fato, porém, não sei se procede de maneira sistemática, uma vez que visitei apenas turmas do oitavo ano.

Nos primeiros dias de acompanhamento, as sensações que tive da escola foram as piores possíveis. Ouvi muito relato de violência, da presença constante de policiais para intermediar os problemas vividos pela comunidade escolar, de uso de droga dentro da sala, de brigas, de relações sexuais na escola, tendo este último caso um registro no dia antes de minha chegada, envolvendo uma aluna do oitavo ano de uma das turmas que acompanhei.

Porém, ao longo da convivência e observando a gestão da escolar, percebi que a escola faz um trabalho muito interessante para intermediar os conflitos, sempre com muito diálogo, procedimentos de

socialização e implementação de projetos, contando com a participação de toda a equipe escolar.

Características físicas e ambientais da escola

A escola possui duas quadras de esportes, refeitório, biblioteca, laboratório, secretaria e outras dependências administrativas, sala dos professores, auditório, sala de informática, sala da direção e supervisão e um amplo espaço de convivência arborizado. Nas salas de aula, de modo geral, são colocados nas paredes os trabalhos dos alunos feitos durante os bimestres, que tratam sobre diversos assuntos. No período de observação foram destacados os seguintes temas: a água, poetas e romancistas brasileiros (Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade), estudo sobre placas tectônicas, entre outros. Há mesas e cadeiras em bom estado, porém algumas rabiscadas. Estas estão dispostas em fileiras em uma sala retangular. Os materiais de aprendizagem utilizados pela professora acompanhada foram: o livro didático *Para viver juntos*, de Ana Elisa Arruda, Eliane Gouvêa Lousada, Greta Marchetti, Heidi Strecker e Maria Virgínia Scopacasa, algumas atividades fotocopiadas e textos explicativos com utilização do quadro de giz.

Biblioteca: funcionamento e circulação de livros

A biblioteca é relativamente pequena, com prateleiras muito altas, para acomodar os livros. Há poucos exemplares de um mesmo título, o que dificultaria, por exemplo, um estudo literário sobre um determinado livro para toda a classe. A circulação dos livros nas turmas é organizada por agendamento, e, se o professor desejar trabalhar alguma obra literária, deverá ir à biblioteca e combinar um horário.

Em conversa com a professora orientadora na escola, ela relatou que realiza trabalhos de leitura com os alunos, mas, devido à falta de tempo, prefere trabalhar as atividades de leitura propostas no livro didático com os textos que ele traz. Há momentos em que os alunos são levados à biblioteca, mas ela não soube especificar a frequência com que isso ocorre.

Atividades desenvolvidas

Foram acompanhadas quatro turmas do oitavo ano ao longo do dia 24 de março ao dia 11 de julho, totalizando sessenta aulas assistidas. Na turma 803, na qual foi aplicado o projeto, foram assistidas quinze aulas. Para alcançar os objetivos desse projeto, foi elaborada uma sequência didática com três módulos, uma produção inicial e uma produção final, acordada com o professor supervisor do estágio.

As atividades, propostas pela sequência didática, sofreram alterações durante as aulas ministradas, essas alterações serão explicadas ao longo das apresentações das atividades.

Na primeira aula, antes de expor o conteúdo, estabeleci a proposta do projeto que iria desenvolver com os alunos, pedindo a eles que me dissessem se todos estavam de acordo em aprender sobre haikai, produzir esse tipo de poesia e ter suas produções em um livreto disponível para a leitura de todos na turma. Achei melhor consultá-los antes de aplicar o projeto, a fim de evitar desacordos e determinar melhor o trabalho que seria desenvolvido. Os alunos se interessaram e concordaram em participar, com exceção de dois alunos que estavam suspensos e, por este motivo, não participaram das aulas, e de um aluno que não quis participar, e então o deixei à vontade. Solicitei a cooperação de todos os participantes, expliquei a eles por que estava ali e pedi para que nos momentos de dúvidas se manifestassem.

Após consultar os alunos e esclarecer o objetivo do projeto, iniciei o conteúdo da matéria apoiada por um slide da plataforma Prezi contendo as informações que foram trabalhadas nas aulas. O material foi feito e configurado para a exibição através do meu computador, utilizando para a projeção o data-show da escola. Não foi possível mostrar todos os slides preparados, uma vez que percebi que o tempo era muito curto e ainda tínhamos uma atividade para fazer e corrigir na mesma aula. Os slides mostrados para os alunos estão disponíveis na própria plataforma do Prezi, encontrada na referência deste artigo.

Aula 1 - Introdução da matéria e realização de atividades

Módulo I

Inicialmente, iria mostrar a definição de haicai para então exemplificá-la, entretanto, dias antes de dar essa primeira aula, havia feito um trabalho sobre a abordagem cognitivista e achei interessante o fato dessa abordagem propor que a relação professor-aluno deva ser construída de forma a se evitar definições e fixações de respostas previamente, propondo que o professor assuma na sala de aula o papel de provocar um ambiente de desafios que levem à autonomia.

Logo, apoiada por essa abordagem, para introduzir o conteúdo comecei de uma forma investigativa, perguntando a eles se sabiam o que seria um haicai. Alguns alunos nesse momento fizeram alguns comentários dizendo que não faziam ideia do que seria. Logo, esclareci que é um poema de origem japonesa, mostrando o seguinte exemplo de haicai japonês de Ôshima Ryôta:

Nem sequer três dias

1 2 3 4 5

este mundo vê passar

1 2 3 4 5 6 7

cerejeira em flor

1 2 3 4 5

A partir desse exemplo comecei a perguntar aos alunos o que se podia dizer sobre essa poesia, se ela era longa ou curta, se tinha rimas, de qual assunto se tratava e quantos versos tinha. À medida que os alunos iam respondendo, formulamos a seguinte definição: "Um poema curto, não precisa de rimas, com três versos que fala do tempo e das flores".

A partir dessa definição construída pelos alunos, apresentei uma definição: o haicai é um poema de três versos constituído por dezesseite sílabas poéticas, nos quais o primeiro e o terceiro versos contêm cinco sílabas poéticas e o segundo, sete. Possui uma linguagem simples, poética e singela e não necessariamente precisa ter rimas e tem

como temática a referência à natureza.

Dada a definição mostrei aos alunos que os números abaixo dos versos representavam as sílabas poéticas mencionadas. Expliquei, superficialmente, o que era sílaba poética somente a título de significá-las, pois fui orientada pela professora para que não entrasse nos méritos das sílabas poéticas, pois os alunos poderiam não entender e fazer confusão, até porque o objetivo da oficina não era fazer um haicai japonês, pois mostraria mais a frente que, a partir das adaptações feitas pelos escritores brasileiros, a questão das dezessete sílabas poéticas não foi dada como fundamental para caracterizar um haicai. Isso explica o motivo da alteração da atividade que havia sido planejada a qual pediria aos alunos que identificassem as sílabas poéticas de alguns haicais selecionados.

Após mostrar o exemplo de haicai japonês, prossegui o conteúdo mostrando haicais que foram adaptados pelos escritores brasileiros e informando que, diferentemente da forma do haicai japonês, os haicais brasileiros não exigiam as dezessete sílabas poéticas e tratavam de temáticas diferentes, como política e cotidiano, às vezes com humor, mas mantinham a estrutura de três versos e a simplicidade da linguagem.

Uma árvore nua
aponta o céu. Numa ponta
brota um fruto. A lua?

Nesse haicai, de Guilherme de Almeida, destaquei a força da imagem na linguagem da poesia. No caso, mostra o encontro da extremidade da árvore com o céu, sendo a lua tomada como um fruto da árvore. Fiz um desenho no quadro para que os meninos conseguissem perceber o efeito criado pela linguagem poética.

Viva o Brasil,
onde o ano inteiro
é primeiro de abril.

Em *Poemeu efemérico*, de Millôr Fernandes, perguntei aos alunos a que fazia menção o dia primeiro de abril, e muitos responderam que era o dia da mentira e associaram isso à corrupção e ao jeitinho brasileiro, percebendo a crítica dos versos do haicai.

Durante a exposição dos exemplos, falei sobre as relações tecidas entre as escolhas das palavras e como isso ajudava na compreensão e na percepção literária dos haicais.

Módulo II – Análise da estrutura do haikai, as palavras e os sons

Para se estudar poesia não se pode ignorar a importância da escolha lexical, tanto no campo semântico quanto no campo fonológico, ou seja, a relação dos sons em sua construção, logo este projeto de estágio recorreu ao livro *Versos, sons e ritmos*, de Norma Goldstein, como base teórica para explicar aos alunos acerca das palavras e dos sons. Foi usado também esse mesmo referencial teórico para explicar a importância do ritmo no módulo IV sobre leitura.

Neste módulo foi realizada a seguinte atividade: a turma foi dividida em cinco grupos, e cada grupo recebeu um haikai diferente impresso. A partir do haikai, foi pedido aos alunos que marcassem as palavras que, na opinião deles, reforçavam o sentido da poesia. Em seguida eles teriam que falar qual o tema que o haikai abordava e sobre as relações que eles perceberam entre as palavras.

Haikai I - de Guilherme de Almeida

O pensamento

O ar. A folha. A fuga.
No lago, um círculo vago.
No rosto, uma ruga.”

Haikai II - de Paulo Leminski

A palmeira estremece
palmas pra ela
que ela merece.

Haicai III - de André Luís Gabriel

Por do sol na fronteira
a sombra do lado de lá
é minha parte estrangeira.

Haicai IV - de Guilherme de Almeida

Infância

Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se "Agora".

Haicai IV - de Joaquim Pedro Barbosa

Rápido como um raio
o hai cai
cheio de luz.

Após a distribuição dos haicais, dei dez minutos para que os alunos, uma vez já organizados em grupos, lessem o haicai e fizessem o que foi pedido. É importante ressaltar que pedi a eles para que não arrastassem as mesas, apenas se reunissem com sete colegas que estavam mais próximos, disse que a atividade seria rápida e que passados os dez minutos iriam discutir comigo acerca das considerações que fizeram sobre o haicai recebido. Durante os dez minutos, visitei os grupos e tentei ajudá-los quanto às dúvidas iniciais, direcionando-os para o objetivo da atividade.

Um aluno, durante a atividade de leitura, criou um haicai e pediu para falar sobre ele, propondo que seu haicai fosse o Haicai VI da atividade, de sua autoria. Permite que assim ocorresse. Logo o haicai acrescentado à atividade foi:

O amor

A flor mais linda
do mundo
é a pessoa que você ama.

Ao fim dos dez minutos, pedi aos alunos que voltassem aos seus lugares e que escolhessem um ou mais participantes do grupo para comentar o haicai e mostrar quais relações entre as palavras haviam percebido ao lê-lo. Organizei-me da seguinte forma: sabendo que os alunos poderiam não perceber de imediato certas figuras de linguagem, como a aliteração, anáfora, entre outras, deixei o grupo manifestar suas considerações e, em seguida, escrevi o poema recebido por eles no quadro e fui marcando junto com eles essas figuras na poesia, entretanto não entrei nos méritos de definir o que era cada uma e nem mesmo apontar que aquilo era uma figura de linguagem, disse apenas que havia uma relação entre os sentidos e os sons das palavras.

Sobre o Haicai I, fiquei muito surpresa, pois o grupo manifestou uma interpretação diferente da que tive quando li. Eles propuseram que as folhas haviam fugido das árvores e que o lago estava seco e que isso acontecia porque o rosto velho, o que representaria o ser humano, havia se esquecido da natureza. Eu perguntei a eles o porquê da palavra esquecido, e eles falaram que a velhice os remete à ideia de esquecimento. O grupo que analisou esse haicai pontuou as rimas e falou sobre os três versos. Em seguida marquei com eles a questão das repetições dos sons, como: /f/, /g/, /r/, e mostrei que isso também é um aspecto importante na poesia.

Quanto ao Haicai II, o grupo alegou que não havia gostado do haicai que lhe foi entregue e que os outros colegas tinham recebido um haicai mais legal, eles marcaram a repetição do /palm/ em palmeira e palma e também marcaram a rima estremece e merece.

Percebi que, enquanto ia discutindo os haicais com os alunos, os outros grupos iam acrescentando essas discussões, cada um à sua maneira em suas considerações.

Sobre o Haicai III, os alunos não queriam falar, então decidi ajudá-los e escrevi no quadro e fui mostrando que além de ser um poema com as palavras bem selecionadas ele possibilitava um desenho. Desenhei no quadro um sol e uma linha e marquei de um lado Brasil e, do lado oposto da linha, Argentina. No lado do Brasil, perto da linha, desenhei um menino e no lado da Argentina desenhei um menino com pontilhados marcando a sombra. Percebi que após o desenho o grupo ficou muito satisfeito, compreendendo que a linha marcava a fronteira e que a sombra seria a parte estrangeira do menino. Em seguida, falei da relação de sentido entre as palavras fronteira e estrangeira.

O grupo do Haicai IV também teve dificuldade. Percebendo isso, a professora que me supervisionou explicou o poema, falando que na infância não existe ontem ou amanhã, a vida sempre é percebida no hoje e que não se tem preocupações. Ela pontuou que a amora representa a liberdade de a criança comer a fruta no pé da árvore. Por isso o título "Infância".

O grupo do Haicai V estava muito animado, dizendo que havia gostado muito do poema, eles discutiram o fato de ler o poema rapidamente e isso marcar uma das próprias características do haicai, que é a de ser um poema curto. Falaram também sobre as palavras hai e cai que foram escritas separadamente, marcando tanto a ideia de um raio cair, quanto a ideia do próprio haicai e sua forma como poesia.

Por último, o Gabriel apresentou o Haicai VI, ele falou que comparou a pessoa que amava à flor mais bela do mundo, pois a flor tem características que muito lhe agrada, como perfume, beleza, alegria, cores, mas também é frágil e pode se ferir e morrer, assim como uma pessoa. Disse à turma que o Gabriel havia usado um recurso muito importante na construção da poesia que é a metáfora, pois compara implicitamente as expressões "pessoa que você ama" e "flor mais linda do mundo", pois ativa sentidos semelhantes: flor, que remete a delicadeza, beleza, algo especial e alegria, e pessoa amada, que remete a algo especial, belo e alegre.

Ao fim da aula, pedi aos alunos que fizessem em suas casas um haicai sobre tema de sua preferência, em uma folha de papel ofício, e que na próxima aula trouxessem para que pudéssemos discuti-los.

Aula 2 e 3 – Análise das produções iniciais e elaboração das produções finais

Ao chegar à escola e recolher as produções dos alunos tive o seguinte resultado: de 35 alunos da sala, apenas 17 alunos criaram os seus haicais e, dentre esses 17, cinco eram cópias da internet. Inicialmente, fiquei um pouco frustrada, e assim que relatei o ocorrido para a professora, ela me avisou que isso só aconteceu porque havia pedido que fizessem em casa, pois muitos costumavam esquecer e ainda copiar da internet.

Depois de muito refletir, cheguei à conclusão de que o problema estava na minha orientação, isso porque, se a ideia inicial era fazermos uma oficina de haicai, a produção deveria acontecer no período das aulas dadas, e não em casa. A ideia de uma oficina indica, necessariamente, que ela aconteceria coletivamente. Após entender o porquê de tais resultados, combinei com a professora que me desse mais uma aula. Ela cedeu os dois horários seguidos que ela teria para produzirmos em sala os haicais.

Módulo III – Temática

Ao chegar à sala comentei com os alunos sobre os resultados da primeira produção e sobre as cópias na internet. Propus que cada aluno aproveitasse a aula para então produzir um haicai ou ajustar o que já havia sido feito, corrigindo algumas questões gramaticais. Entretanto, ficou bastante evidente que produzir um haicai não é fácil, e a primeira coisa que os alunos me falaram acerca de suas dificuldades é que, apesar de o tema ser livre, não conseguiam pensar em nada.

A professora supervisora e eu escrevemos no quadro palavras aleatórias, como dengue, corrupção, natureza, água, amor, sol, etc. A ideia era a de que essas palavras transitassem como referência a um possível tema que poderia ser abordado nos haicais que seriam produzidos pelos alunos.

Esse módulo serviu de orientação aos alunos à importância do que escrever? Seja uma poesia reflexiva, descritiva ou humorística, deixando que os alunos usassem sua criatividade. A partir desta iniciativa, percebi que os alunos ficaram mais direcionados, uma vez que

conseguiram encontrar uma temática. Foi muito produtivo o ambiente criado, pois pude, com ajuda da professora supervisora, dar atenção na medida do possível a cada aluno no momento da produção, ajudando com ideias e ao mesmo tempo fazendo correções gramaticais.

É importante ressaltar que trabalhei indiretamente acerca da importância do tema na primeira atividade, na qual eu pedi aos alunos que identificassem sobre o que se tratava os haicais, entretanto, percebi que para se ter um resultado satisfatório é bom deixar todo o conteúdo o mais claro possível.

Produção Final

Foi pedido aos alunos que, a partir das discussões levantadas durante as aulas (módulo I e módulo II), começassem a produzir o haicai. Recordei-lhes sobre a importância da seleção lexical, a importância de se ter um tema e sugeri que, se quisessem, poderiam desenhar, ilustrando o haicai. Entreguei-lhes uma folha de papel, na qual escreveriam o haicai à tinta e assinariam o nome. Avisei que os haicais seriam digitalizados e ajustados para a impressão dos livretos que seriam entregues na próxima semana aos alunos para que todos pudessem ler a própria produção e a dos colegas da turma.

O livreto

Recolhi as produções dos alunos e as imprimi metade em minha casa e outra metade na escola, dando um total de quarenta livretos impressos. É importante ressaltar dois pontos a respeito das produções: o primeiro diz respeito à autenticidade do texto e de sua forma. Preservei no texto desde as letras, as palavras e os desenhos dos alunos, para que eles visualizassem o que realmente havia criado. O segundo aspecto que vale ressaltar diz respeito à correção gramatical. Como já esclareci, nas duas aulas tentei, em conjunto com a professora supervisora do estágio, ajudá-los a escrever as palavras corretamente, atentando à acentuação, à pontuação e a outros aspectos gramaticais. Entretanto, como já colocado inicialmente, o objetivo geral era promover a produção e a leitura, logo, em quatro aulas não seria possível cuidar especificamente de outros eixos da língua portuguesa mais detidamente.



Haicais
do
803

Apresentação

O Haicais do 803 é um livreto produzido pelos poetas do 8º ano da Escola Estadual Padre Camargos e tem como objetivo fundamental promover a leitura e a produção de haicais.

Resultado de uma oficina de haicais, o livreto surgiu como uma alternativa para que as produções individuais de cada poeta fossem realmente lidas. A escolha do gênero haicai se estabeleceu devido aos diversos desafios para a produção de uma poesia tão concisa e ao mesmo tempo tão vasta, possibilitando em seus três versos o surgimento dos mais variados temas, como amor, dengue, água, natureza e tudo quanto a imaginação desses pequenos quiser.

Pessoas corruptas

País corrupto?
Somos pessoas passíveis
de se corromper

Aluna: Scheilla Vital 803

Tudo quer não consigo demonstrar
Se vou deixar
A palavra expressar
Vitorica Cristina Turma: 803

Troquei o lixo
pelo duto,
Hoje eu vivo, é no fluxo.

Impaciência Impaciência
803

Hai levanta

Hai cai

Hai para mais.
não quero
Leana Júnia B.

Dengue

Naquela poça pequena e estreita
vivia o mosquito da dengue
esperando sua presa

Rafaelom D.



Há uma revolução!

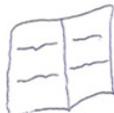
Lutando para viver e pagando imposto
no final das contas,
o governo só me dá desgosto!

Autora: Sabrina Lonnainy
Turma: 803

O amor e o tempo
São ambos parecidos
Você não o vê, mas o sente
803 Izabela Alves



Estudar vale a pena
não perco meu tempo
caçando problema



Mariana Martins de Avelar

Um mundo sem
gente é como
uma pessoa solitária.

Melissa Moraes

Um ser nasceu
ele viveu
aos 33 anos morreu

Galvão 803
Marsu

A minha mão está cosendo
porque está doída
para telefonar!

Ana Clara Marquesa

O amor é uma coisa linda
pena que ninguém dá valor
ao que vê

Clara Elis: Turma: 803

A água é fundamental
mata a nossa sede
e levanta nosso astral



e economize
nós
desperdiçoe.

William Vieira

A vida tem um objetivo, adquirir conhecimento,

mas não tem que ser rápido,

não logo, não perca tempo

Nome: Felipe Nunes 803

A paixão é minha
delegação, é forte e
sólida como o aço.

William Vieira

O Futebol

No futebol a gente cai, mas
se levanta e nunca
desiste de ganhar.

Fábio
805

O Amor

A flor mais linda
do mundo
é a pessoa que nos ama



Gabriel Pinheiro da Silva Amor
803

Telefone com fio
dá pra falar
até com seu tio.



Suiz Felipe Almeida
803

O amor é como
uma flor que desabrocha
ao longo da vida



Larissa Lorraine Boião Braga 803

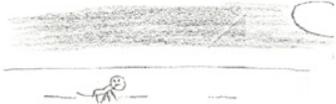
Telefone sem fio
não dá pra falar
nem com seu tio



Suiz Felipe Almeida
803

O cachorro
MA LUA
SOZINHO COM A LUA

(Jorge Rosa da Silva J.)

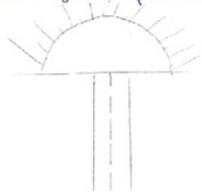


Mais precioso que diamante
vale mais que ouro
É a amizade.



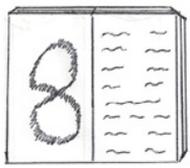
Victoria Gabriela 803

Não perca a esperança,
não pare de estudar.
uma grande pessoa se tornou!



Gabriel
Morais
803

A vida é como um
livro, a cada página lida
temos mais vontade de viver



Thalita -> 803

Antes de julgar o que uma
pessoa está fazendo pense que
os problemas dela podem ser piores.

Carlos Antonio 8º ano 803

Amizim é a amizade verdadeira
e legal: há sempre irregular,
mas não um ponto final.



Pâmela Andrade, 803

Para Que deixar
Algo para depois
Viva o agora

Pedro
Henrique
803



~~reale a pena estudar~~
~~mas perto ~~trabalho~~ hora~~
~~Estudar.~~



Agon Carlos

A NATUREZA
é Boa
é LEGAL
NOME: Kamilla
803



A vida é como páginas de um livro
a cada dia
uma nova história

Aguma Custódio

Baloiçando com
os raios do temporal
Apelo está.

Thiago Gomes.

A vida, sem os sonhos
seria como um perfume sem cheiro
uma vida sem graça

Aguma Custódio

Caminhar
 Aleuemos caminhar
 sempre em frente;
 e nunca olhar para trás!

Antes que desanime
 Primeiramente
 Termine

(Juan Felipe Lara)



Natureza
 A natureza tem vida.
 Se acabarmos com ela;
 O que fazemos?

Comilhando, pensando e ouvindo
 o som da natureza uma
 ransa encantadora, por isso maravilhosa

Giberson
 203

Enguamb eu trabalhavocês se mudarem
 e os planejamentos públicos
 nunca acabarem

Mariana Dão

Flores demonstram minha sensibilidade
 Traçando o perfume em minhas mãos
 Da terra que guardo.

Estes Mendes - Summa-ibus

Eu gosto de jogar videogame
gosto de passear no parque
e me divertir

Fabício

Me esperando
 de fumes a fumes
 até o mundo acabar



Figura 1 - Livroto.
 Fonte: arquivo pessoal da autora.

Aula 4 – Entrega dos livretos e leitura

Módulo IV – Leitura dos haicais

Inicialmente não havia colocado, nas versões entregues do projeto, um módulo referente à leitura dos poemas produzidos pelos alunos. Entretanto, fazendo jus à produção do livreto, preparei uma aula, com o apoio da professora supervisora, para finalizar o projeto da oficina.

O suporte teórico utilizado para essa etapa final foi o vídeo roteiro da escritora Heloisa Prieto e o livro *Versos, sons e ritmos*, de Norma Goldstein, como referencial de apoio para que pudesse ensinar aos alunos sobre a importância do ritmo ao se ler uma poesia, assim como da seleção das palavras-chave para marcar seu sentido. Norma Goldstein coloca em seu livro a seguinte importância do ritmo da produção artística:

O ritmo aparece também na produção artística do homem. De um modo especial, na poesia. Como o ritmo faz parte da vida de qualquer pessoa, sua presença no tecido do poema pode ser facilmente percebida por um leitor atento, que é, ao mesmo tempo, um ouvinte. A poesia tem um caráter de oralidade muito importante: ela é feita para ser falada, recitada. Mesmo que estejamos lendo um poema silenciosamente, perceberemos seu lado musical, sonoro, pois nossa audição capta a articulação (modo de pronunciar) das palavras do texto. Mas se o leitor passar da percepção superficial para a análise cuidadosa do ritmo do poema, é provável que descubra novos significados no texto.¹

Assim como Norma Goldstein acentua a relevância de uma boa leitura para a compreensão e análise de poesia, a escritora Heloisa Prieto exemplifica essa leitura cuidadosa por meio de seu vídeo roteiro, sinalizando que, ao escolhermos uma palavra-chave para a poesia e colocarmos nela toda a intensidade, daremos às palavras uma nova significação.

Para transpor a teoria em um conteúdo direcionado aos alunos do oitavo ano, expliquei a importância de uma boa leitura para a compreensão da poesia e preparei um roteiro de leitura. Exemplifiquei ao ler o haicai que havia criado:

¹ GOLDSTEIN. *Versos, sons e ritmos*, p. 2.

Hai levanta
Hai cai
Hai não para quieto mais

Pedi a eles, assim que lhes entreguei o livro, que respeitassem as produções de seus colegas, pois todos tinham se dedicado muito para fazê-las. Fiz isso a fim de evitar algum comentário impertinente que pudesse surgir com intuito de ofender a produção do colega. Em seguida, pedi a eles que escolhessem um poema que lhes agradou e o recitassem levando em consideração o seguinte roteiro: analise a temática da poesia escolhida; perceba enquanto lê se há rimas, repetições de sons, se houver marque-os em sua leitura; e escolha uma ou mais palavras-chaves para se ler com maior intensidade, a fim de significá-las.

Em um primeiro momento os alunos ficaram muito agitados ao ver o livreto e ler a produção dos colegas. Esperei que se acalmassem e pedi aos alunos que seguissem a ordem da fileira na qual estavam sentados para recitar a poesia.

É de se esperar que fosse uma atividade com muitos comentários durante a leitura dos colegas, rindo da forma como falavam e ainda de muitas interpretações interessantes, pois eles liam a produção que era de seu colega e o autor achava a leitura diferente da forma como havia pensado no momento da produção. De maneira geral, a maioria dos alunos participou e notei certo apreço quanto ao trabalho feito, além da ansiedade dos alunos pela entrega do livreto.

Considerações finais

O trabalho realizado na turma 803 do oitavo ano, assim como as aulas acompanhadas nessa e nas demais turmas, foi importante não apenas para que observasse a realidade das escolas e as posturas necessárias para um professor de Português. Entendi, ao longo do estágio, que todas as disciplinas que cursei durante os semestres do curso de Letras foram essenciais para que pudesse compreender criticamente a importância da Literatura na construção de um currículo interdisciplinar e a relevância das teorias aprendidas acerca das abordagens de ensino e suas aplicabilidades no contexto escolar.

Esse projeto de estágio me possibilitou um olhar diferenciado para o papel do professor como um direcionador, uma vez que ele não faz acontecer a aprendizagem, pois isso é um processo inerente ao aluno, mas cria caminhos para que ela ocorra de uma maneira mais prazerosa e mais fácil.

Sobre as experiências enquanto observadora, diria que só foram agradáveis quando deixei de ficar sentada em uma cadeira distante dos alunos e me enturmei com eles, pois só assim consegui desconstruir o famoso olhar do professor como detentor do saber e dos alunos como seres a serem disciplinados. Quanto às experiências enquanto professora, percebi que em vez de conter as conversas paralelas, por que não direcioná-los a conversas produtivas? No início da primeira aula os alunos ficaram calados, e isso me incomodou muito, aquele silêncio não parecia sinal de aprendizagem, parecia apatia. Tentei, no momento em que ensinava, tocá-los de alguma maneira, impulsionando-os a pensar, a questionar e a discutir.

Acerca da escolha do tema do projeto de estágio, concluo que foi satisfatória para alcançar minhas motivações iniciais. Percebi que tive que reformular muitas atividades e conteúdos, adequando a uma linguagem mais fácil para os alunos e ao limite das aulas. Mas o alcance de meus objetivos só foi possível com o apoio e a atenção da professora supervisora, com o seu direcionamento durante as aulas que ministrei, pois devido à longa experiência sabia muito bem o que fazer para adequar as atividades propostas por mim.

Referências

- ALMEIDA, G. *Haicais*. Disponível em: <<http://goo.gl/VK0wYf>>. Acesso em: 05 maio 2017.
- BARBOSA, J. P. *Haikai*: Portal Vermelho. Disponível em: <<http://goo.gl/x9htkZ>>. Acesso em: 19 maio 2015.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. *Sequências didáticas para oral e a escrita*: apresentação de um procedimento. Campinas: Mercado das Letras, 2004. cap. 4, p. 81-108.
- FERNANDES, M. *Haikai*: Pensador UOL. Disponível em: <<http://goo.gl/MQ5YZI>>. Acesso em: 6 maio 2015.
- GOLDSTEIN, N. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo. Ática, 1999.
- JUNIA, L. Oficina de produção de haicais – Slide – Prezi. Disponível em: <<https://goo.gl/tPIum6>>.

Acesso em: 8 ago. 2016.

LEMINSKI, P. *Haicais*: Pensador UOL. Disponível em: <<http://goo.gl/x6HCPK>>. Acesso em: 19 maio 2015.

MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino*: as abordagens do processo. Abordagem Cognitivista. São Paulo: EPU, 1966. 13ª reimpressão, 2003. cap. 4, p. 59-84.

O dialeto UOL Blog. Disponível em: <<http://odialeto.zip.net/haicai/>>. Acesso em: 18 maio 2015.

PRIETO, H. *Leitura de Poesia*. Vídeo. Disponível em: <<http://goo.gl/5eDfu6>>. Acesso em: 28 maio. 2015.

Chapeuzinho Vermelho em diversos gêneros no sétimo ano do Ensino Fundamental

Patrícia Rabelo Goulart

Introdução

O presente projeto foi desenvolvido na disciplina Análise da Prática de Estágio do Português I, sob a orientação da Professora Maria Zélia Versiani Machado, durante o primeiro semestre de 2015.

A escola escolhida para a execução do projeto, bem como para a observação participante, foi a Escola Municipal do Bairro Tropical em Contagem. A escola existe desde 2001, como anexo da E. M. Professor Hilton Rocha. Em 2006 a escola inaugurou um prédio próprio. Atualmente, a escola atende a educação infantil até o terceiro ciclo do Ensino Fundamental para cerca de seiscentos alunos.

A escola é situada em um bairro periférico em Contagem, que foi loteado na década de 1980. Anteriormente, a área era ocupada pela fazenda Olhos D'água (que origina o nome real do Bairro – Olhos D'água Tropical). Atualmente, o bairro encontra-se em crescimento vertiginoso de sua população e do comércio local. Vinda de uma realidade com vários elementos próprios de áreas rurais, a recentemente região urbanizada não oferece muitos espaços de cultura e lazer, o que torna a escola um lugar ainda mais essencial na realidade da comunidade. A escola é bem estruturada, com salas de tamanho condizente para o número de alunos, quadra, um amplo pátio, sala dos professores e uma pequena biblioteca. As salas possuem em média trinta alunos, e com algumas particularidades, a maior parte dos alunos é letrada e se encontra na idade certa para as séries escolares em que se encontram e não existem maiores dificuldades nas aulas de Português. Obviamente, há certa dispersão própria de crianças nesta idade, todos querem ir ao banheiro, ou se utilizam de outras desculpas para sair de sala, ou fazem o uso de fones, mas a professora consegue lidar bem com os alunos. Por ser um anexo, os estudantes não possuem livro didático e a escola só receberá o material no segundo semestre deste ano le-

tivo. Dessa forma, todos os dias antes da aula, a professora pede que dois alunos busquem os livros – que são compartilhados com outras turmas – na biblioteca. Ainda que os alunos gostem de sair de sala e isso seja um evento para a turma, na qual todos querem ser escolhidos para ir à biblioteca, essa saída causa um atraso no início da aula. Além disso, por não possuírem o material, os estudantes não podem utilizá-lo em casa ou em seus estudos particulares, limitando assim o tempo de exposição às informações ao livro didático. A biblioteca fica relegada a depósito de livros didáticos e não foi explorada em outro contexto. As aulas são bastante centradas no ensino da gramática e a interpretação de textos é feita apenas como aspecto auxiliar. A coordenação pedagógica e os professores têm como recurso pedagógico a chamada ocorrência, a qual a escola disponibiliza uma espécie de carnê, o professor/pedagogo preenche o motivo da ocorrência no carnê e destaca a outra parte para que o aluno leve para casa e traga novamente assinado pelos pais ou responsável. As opções colocadas neste documento são diversas: não apresentou o dever de casa, não se comportou em sala de aula, não veio devidamente uniformizado para a escola etc. A princípio, o acúmulo de ocorrências não leva a uma medida punitiva mais rigorosa, mas alerta à escola quais são os alunos problema, levando a escola a acionar os pais para investigar o motivo das devidas faltas. Ao final de cada etapa, a escola convoca uma reunião de pais, professores e pedagogos como forma de integrar os pais nas decisões da escola.

Justificativa

Leitura e Produção Textual

Este projeto justificou-se pela necessidade de promover a leitura e a produção de textos, seja em qualquer segmento da escola, mas, principalmente, no Ensino Fundamental, no qual encontramos o momento propício para despertar nas crianças comportamentos leitores e o gosto pela literatura.

A leitura, se for devidamente incentivada, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da competência linguística do aluno de forma lúdica e prazerosa, possibilitando a formação de lei-

tores críticos que participem de forma ativa da sociedade em que se encontram. Durante muito tempo, ler foi encarado como um ato puramente de decodificação, sendo a alfabetização considerada suficiente para formar um bom leitor. Sabemos não ser suficiente decodificar o alfabeto e pronunciar sílabas e palavras. A leitura deve ser vista como processo de apropriação das experiências desenvolvidas nas práticas sociais. Como afirma Rojo,

o discurso/texto é visto como conjunto de sentidos e apreciações de valor das pessoas e coisas do mundo, dependentes do lugar social do autor e do leitor e da situação de interação entre eles – finalidades da leitura e da produção do texto, esfera social de comunicação em que o ato da leitura se dá.²

Evidente que do hábito de ler e do desenvolvimento desta competência linguística dependem outros elos no processo de aprendizagem. O aluno que encontra dificuldades na leitura e na compreensão de textos não aprende a pesquisar, relacionar, analisar, posicionar-se etc. Portanto, é fundamental que a educação escolar resgate o valor da leitura como um ato de cidadania e emancipação social.

Dessa forma, o objetivo desse projeto foi, primeiramente, desenvolver o gosto pela leitura e trabalhar a interpretação e compreensão dos textos trabalhados. Em segundo plano, identificar os elementos da narrativa e reconhecer os gêneros textuais que foram trabalhados em sala em torno do clássico conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*. Finalmente, estimular a produção escrita, observando a importância da criatividade nos textos.

Ensinar leitura a partir da leitura protocolada

A estratégia utilizada para os dois contos foi a leitura protocolada, estimulando a leitura em camadas. A cada trecho da história são feitas pausas com o intuito de fazer análises do texto durante o próprio ato de ler.

Essa estratégia foi abordada no artigo “Ensinar leitura lendo” publicado na edição nº 22, ano XI, da revista *Na ponta do lápis*, segundo o artigo,

² ROJO. *A concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs: ler é melhor que estudar*, p. 31-52.

o professor, por meio de uma série de perguntas, provoca o estudante a fazer previsões e checá-las; a articular o repertório prévio – aquilo que já sabe – com as informações do texto; a compreender e refletir sobre o que foi lido. Assim, o jovem leitor atento aos recursos empregados, aos modos de dizer próprios de cada autor, aprende a ler as diversas camadas do texto, ampliando a compreensão do sentido.³

A obra

A obra *Chapeuzinho Vermelho* foi escolhida por ser, indubitavelmente, um clássico da literatura infantil de origem europeia do século XIV. O conto foi publicado pela primeira vez pelo francês Charles Perrault, e depois pelos Irmãos Grimm. Desde então, o conto sofreu várias adaptações e mudanças. Tornando-se parte da cultura popular mundial e uma das histórias mais conhecidas de todos os tempos. Para a leitura em sala, foram escolhidas: adaptação do conto escrita pelo cartunista Maurício de Sousa, criador da *Turma da Mônica*; e a releitura *Fita verde no cabelo* de Guimarães Rosa, importante escritor da literatura brasileira.

Outro aspecto relevante foi a escolha do gênero textual conto, por possuir caráter predominantemente narrativo. As narrativas estão em nossa cultura há muito tempo e o hábito de contar histórias, ouvi-las e registrá-las têm uma importância na construção da identidade da criança e no despertar de sua imaginação e criatividade.

O conto, apesar de ser geralmente mais curto que os romances, perfaz-se de todos os elementos que compõem a narrativa, ou seja, enredo, personagens, tempo e foco narrativo e é uma excelente opção para trabalhar com alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental.

Outro aspecto importante foi a opção de trabalhar vários gêneros textuais em torno da narrativa, auxiliando o desenvolvimento de habilidades linguísticas necessárias à compreensão da tipologia e os gêneros textuais em questão.

³ ENSINAR... 2013, p. 28-35.

Objetivos

Objetivos Gerais

Promover a leitura, a produção textual e o desenvolvimento de habilidades linguísticas diversas com alunos do sétimo ano, permitindo que estes tenham um contato mais íntimo com a literatura, incentivando e facilitando o desenvolvimento do hábito de ler e o contato com determinados gêneros textuais.

Objetivos Específicos

Ler os contos *Chapeuzinho Vermelho* de Maurício de Souza e *Fita Verde no Cabelo* de Guimarães Rosa; conhecer o gênero textual conto e os componentes essenciais à narração; trabalhar outros gêneros textuais: música, carta pessoal, história em quadrinhos e poema em torno da narrativa do clássico conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*; promover o desenvolvimento do vocabulário, favorecendo o reconhecimento das formas ortográficas aprendidas nos anos anteriores; dar condições para que o aluno faça suas produções de forma espontânea e aperfeiçoar quanto à produção de textos em geral.

Metodologia

Execução do projeto em sala de aula

Foram disponibilizadas, para execução do projeto duas aulas conjugadas em duas quintas-feiras consecutivas, totalizando quatro aulas de cinquenta minutos com a turma do sétimo ano do Ensino Fundamental. Assim, a aplicação ficou dividida em duas partes: leitura dos contos e discussão dos elementos da narrativa; e trabalho com os gêneros relacionados a partir de um questionário e produção textual.

Aula 1 e 2

Foi disponibilizado o conto aos alunos. No início da aula, como estratégia para ativar o conhecimento prévio dos alunos a respeito da tipologia textual narração, foi iniciada uma conversa com eles sobre o fato de que passamos boa parte de nosso tempo ouvindo ou

contando histórias. Muitas delas são reais e como as coisas que nos aconteceram no fim de semana, por exemplo. Outras histórias nar-ram acontecimentos que não ocorreram, que só existem na nossa imaginação. As histórias, sendo reais ou fictícias, relatam aconteci-mentos.

Iniciamos a leitura protocolada do primeiro conto, *Chapeuzinho Vermelho*, de Maurício de Souza. A primeira pausa foi feita já no título do conto, as perguntas feitas foram no intuito de fazer um levanta-mento do conhecimento prévio dos alunos a respeito do conhecido conto de fadas (Vocês já conhecem essa história? Ela é uma história real ou fictícia? Vocês se lembram da primeira vez que ouviram essa história? Quais são os personagens presentes nela? etc.). Todos eles já conheciam o enredo e a princípio ficaram desconfiados de trabalhar o conto de fadas em sala, alegando que era história de criancinha. Ou-tras pausas foram feitas de forma a analisar o conto, seus elementos narrativos e compará-lo com o original. Outra pausa importante foi a do diálogo entre a Chapeuzinho Vermelho e o lobo transvestido de vovozinha, porque os alunos o fizeram quase que em uníssono. Tanto é o alcance que estas histórias têm na vida das crianças que perpas-sam gerações, mesmo com todo advento da tecnologia. E ao final da narrativa, onde debatemos a moral da história e os diversos finais existentes para a mesma.

Chapeuzinho Vermelho

Chapeuzinho Vermelho era uma boa menina, que vivia numa pequena vila perto da floresta. Recebeu esse apelido porque usava um capuz de veludo vermelho que sua avó mandou fazer e deu de presente para ela.

Um dia, sua mãe preparou alguns bolinhos e pediu que Chapeuzinho Vermelho os levasse para a sua avó, que andava meio adoentada.

A casa da avó ficava numa vila vizinha e, para chegar lá, era preciso atravessar uma floresta.

Quando Chapeuzinho começou a entrar na floresta, encontrou o Lobo Mau, que ficou com muita vontade de ver aquela menina saudável e de pele tão branquinha transformar-se numa apetitosa refeição. Mas o espertalhão não

pôde fazer nada com ela, por causa da presença de alguns lenhadores que trabalhavam por perto.

Então, o Lobo Mau resolveu perguntar para onde aquela menina estava indo. E, Chapeuzinho Vermelho, sem desconfiar de nada, respondeu:

- Vou levar uns bolinhos para a minha vovozinha, que está doente.
- Ela mora muito longe?
- Mora depois daquele moinho que se avista lá longe, muito longe, na primeira casa da vila.
- Muito bem – continuou o Lobo – também vou visitá-la, sabia? Eu sigo por este caminho, aqui, e você por aquele lá. Vamos ver quem chega primeiro?

O Lobo saiu correndo a toda velocidade pelo caminho mais curto, enquanto Chapeuzinho Vermelho, sem desconfiar de nada, seguia pelo caminho mais longo, distraído-se com amoras, correndo atrás de borboletas e tentando fazer um buquê com algumas florzinhas que ia encontrando.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó e foi logo batendo na porta: toc, toc, toc!

- Quem é? – perguntou a vovó.
- É a sua netinha, Chapeuzinho Vermelho – respondeu o Lobo Mau, disfarçando a voz. – Trouxe uns bolinhos para a senhora – continuou o malvado.

A boa vovozinha, que estava acamada e não se sentia muito bem, gritou:

- Pode entrar, querida. A porta não está trancada.
- Assim que abriu a porta, o Lobo Mau partiu para cima da vovozinha. Ela seria o “prato de entrada” da sua refeição.

Então, ele ouviu um barulho do lado de fora! Só podia ser Chapeuzinho Vermelho! O Lobo, contrariado, falou para a vovozinha:

- Vou guardar você no armário, para a sobremesa!
- Em seguida, colocou a touca da vovó, e deitou na cama dela.

Logo depois, Chapeuzinho Vermelho bateu na porta da casa da vovó.

- Quem é? – perguntou o Lobo Mau.
- Chapeuzinho Vermelho estranhou aquela voz grossa, mas pensou que, talvez, a vovó estivesse rouca e respondeu:
- Sou eu, a sua netinha. Trouxe uns bolinhos que a mamãe mandou com muito carinho.

E o Lobo Mau, suavizando um pouco mais a voz, continuou:

– Pode entrar. A porta está destrancada, é só girar a maçaneta e empurrá-la.

Ao encontrar o Lobo Mau, que estava de touca e coberto até o focinho, Chapeuzinho Vermelho ficou olhando... olhando... olhando... E, curiosa, começou a perguntar:

– Nossa, vovó! Pra que essas orelhas tão grandes?

– São para ouvir você melhor, minha netinha – respondeu o lobo.

– E esses olhos tão grandes, vovozinha?

– São para ver você melhor, queridinha.

– E pra que essa boca tão grande?

O Lobo não aguentou mais e pulou pra cima da menina, gritando:

– É para comer você! Ah, ah, ah...

Chapeuzinho Vermelho correu pela casa, gritando apavorada e tentando escapar das garras do Lobo Mau.

Nessa hora, um jovem caçador que estava passando perto dali ouviu os gritos da menina e correu para ajudá-la.

Assustado com o bravo rapaz, o Lobo Mau pulou pela janela, sumiu no meio da floresta e nunca mais apareceu por ali...

Chapeuzinho Vermelho e sua avó, salvas e felizes da vida, convidaram o jovem caçador para comer uns bolinhos e tomar chá com elas. Afinal, depois de tantos apuros, nada melhor do que um bom lanchinho!¹

Em seguida, iniciamos a leitura do segundo conto *Fita verde no cabelo* de Guimarães Rosa. Novamente a primeira pausa se deu no título e foi perguntado qual sua semelhança com o título do primeiro conto lido. A partir da discussão e sob orientação, os alunos concluíram que esse título também é um acessório usado na cabeça de meninas e que a fita verde no cabelo seria outra versão de *Chapeuzinho Vermelho*. No decorrer da leitura do conto, os aspectos narrativos foram novamente analisados, discutiram-se algumas palavras desconhecidas pelos alunos, inferências textuais e neologismos próprios do autor. No momento do diálogo, foram feitas comparações com o primeiro conto. Ao final da história, debatemos a moral e o fim trágico da vovozinha.

¹ SOUSA, M. *Contos de Andersen, Grimm e Perrault*, 2008.

Outras perguntas que os levassem a análise do conto foram feitas: como o final das histórias se relaciona com sua vida cotidiana?

Fita verde no cabelo

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita inventada no cabelo. Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita - Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas. Daí, que, indo no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido, nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então ela, mesma, era quem dizia: "Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou". A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são. E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós. Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto passa por elas passa. Vinha sobejadamente. Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu: - "Quem é?" - "Sou eu..." - e Fita Verde descansou a voz. - "Sou sua linda netinha, com cesto e com pote, com a Fita Verde no cabelo, que a mamãe me mandou." Vai, a avó difícil, disse: - "Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus a abençoe." Fita Verde assim fez, e entrou e olhou. A avó estava na cama, rebufada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: - "Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo." Mas agora Fita Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou: - "Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!" - "É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta..." - a avó murmurou. - "Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados". - "É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta..." - a avó suspirou. - "Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?" - "É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha..." - a avó ainda gemeu. Fita Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: - "Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!..." Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.²

² ROSA. *Fita verde no cabelo*: Nova velha história.

Em torno dos acontecimentos dos contos foi exposto aos alunos:

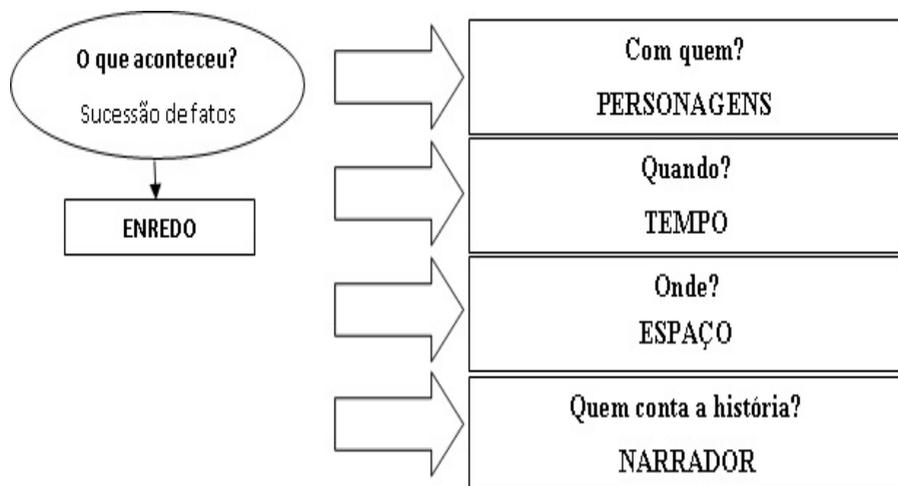


Figura 1 – Conteúdo exposto aos alunos.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

A partir da exposição, preenchemos, oralmente, a tabela a seguir:

	Chapeuzinho Vermelho Maurício de Sousa	Fita-Verde no Cabelo Guimarães Rosa
Enredo		
Personagens		
Tempo		
Espaço		
Narrador		

Figura 2 – Exemplo de atividade realizada em sala de aula.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Aula 3 e 4

Nesta aula foram apresentados aos alunos (através de recurso audiovisual e dos textos impressos) os seguintes gêneros textuais, relacionados à narrativa do conto *Chapeuzinho Vermelho*:

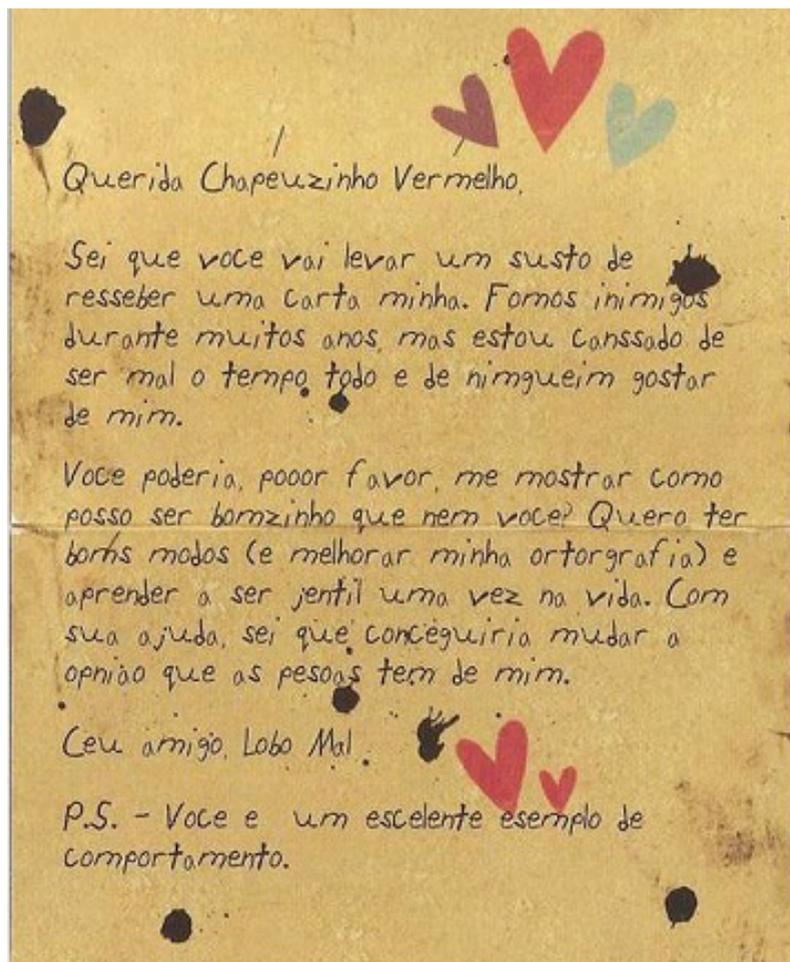
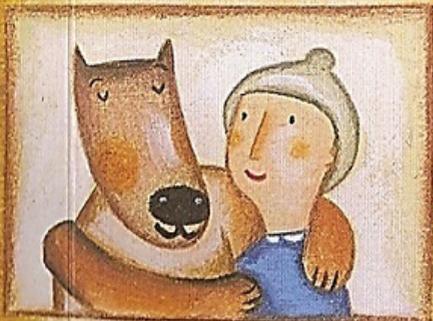


Figura 3 – Carta pessoal.
Fonte: *a verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho* de Agnese Aruzzi.

O JORNAL DA FLORESTA

2 de julho de 2008



LOBO É NOSSO HERÓI

Por: B. de Neve

Ele era o motivo pelo qual tínhamos medo de entrar na Floresta, mas agora o Lobo virou um mocinho famoso!

Ele faz visitas frequentes à Vovó Vermelho, 82, que nos disse o seguinte quando telefonamos para sua casa, onde ela vive sozinha:

“Lobo é a alegria da minha vida. Passamos horas jogando baralho e comendo bolo. Ele é um menino muito bonzinho. Mas que tem uns dentes enormes, tem.”

De temperamento sossegado, o herói cozinha, limpa e dirige o ônibus escolar. Mas, o mais impressionante é seu trabalho na divulgação da deliciosa comida vegetariana entre carnívoros. Tímida, a celebridade disse o seguinte a esta repórter: “Sim, eu sinto que mudei. Gosto de ajudar as pessoas e adoro a dieta vegetariana”.

PORQUINHOS CONSTRUTORES

Construímos sua casa com qualquer tipo de material!

— palha, madeira, tijolos —

Disque: 0800-3-PORQUINHOS



Figura 4 – Notícia.

Fonte: *a verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho* de Agnese Aruzzi.

VESTIDINHO VERMELHO!











Figura 5 – História em
Quadrinhos.
Fonte: *Turma da Mônica* de
Maurício de Sousa.

Seu lobo

Seu Lobo, por que esses olhos tão grandes?
Pra te ver, Chapeuzinho.
Seu Lobo, pra que essas pernas tão grandes?
Pra correr atrás de ti, Chapeuzinho.
Seu Lobo, por que esses braços tão fortes?
Pra te pegar, Chapeuzinho.
Seu Lobo, pra que essas patas tão grandes?
Pra te apertar, Chapeuzinho.
Seu Lobo, por que esse nariz tão grande?
Pra te cheirar, Chapeuzinho.
Seu Lobo, por que essa boca tão grande?
Ah, deixa de ser enjoada, Chapeuzinho.³

Lobo Bobo

Era uma vez um lobo mau
Que resolveu jantar alguém
Estava sem vintém, mas arriscou
E logo se estrepou
Um Chapeuzinho de maiô
Ouviu buzina e não parou
Mas Lobo Mau insiste e faz cara de triste
Mas Chapeuzinho ouviu os conselhos da vovó
Dizer que não pra lobo, que com lobo não sai só
Lobo canta, pede, promete tudo até amor
E diz que fraco de lobo é ver um Chapeuzinho de maiô
Mas Chapeuzinho percebeu
Que Lobo Mau se derreteu
Pra ver você que lobo também faz papel de bobo
Só posso lhes dizer, Chapeuzinho agora traz
Um lobo na coleira que não janta nunca mais⁴

³ CAPPARELLI. *111 Poemas para Crianças*.

⁴ Música de Carlos Lyra e Ronaldo Boscóli.

A sala foi dividida em grupos e os alunos responderam a um questionário. Ao final da primeira aula, fiz uma breve exposição sobre os gêneros textuais:

GÊNERO TEXTUAL	BREVE DEFINIÇÃO
Carta Pessoal	Gênero textual informal usado para comunicação de pessoas mais próximas, como familiares ou amigos.
Notícia	Gênero textual de cunho jornalístico, sua função é informar sobre acontecimentos novos ou recentes de interesse do público em geral. A notícia é veiculada pelas mídias de grande circulação como jornais, televisores ou internet.
História em Quadrinhos	Gênero textual tipicamente narrativo que é se utiliza de textos e imagens. Quando curtos são chamados de tira ou tirinha.
Poema	Gênero textual escrito em versos em que a forma de expressão estética se manifesta através da linguagem poética. Além dos versos, não obrigatoriamente, fazem parte da estrutura do poema as estrofes, a rima e a métrica.
Música	Gênero textual semelhante ao poema, constituído de versos. Utiliza-se da linguagem poética e é marcada pelo ritmo.

Quadro 1 – Breve exposição sobre os gêneros textuais

Em seguida, corrigimos o questionário já completamente preenchido pela maior parte dos grupos. A partir das perguntas, discutimos as semelhanças e diferenças entre os gêneros textuais, como eles apresentam diferenças, funções e formatos diferenciados e como a

história da Chapeuzinho Vermelho foi modificada para se adequar aos gêneros. O questionário também levanta pontos de comparação com o conto original.

Questionário sobre a carta:

1. Quem é o remetente da carta? E o destinatário?
2. A carta pessoal é um tipo de correspondência. Qual é o assunto da carta que você acabou de ler?
3. De acordo com o clássico conto de fadas, seria aceitável que o Lobo Mau mandasse uma carta para Chapeuzinho? Por quê?
4. Normalmente as cartas apresentam logo na primeira linha, o local e a data em que foram escritas. Na carta do Lobo Mau não há essas informações. Se você fosse o Lobo Mau e estivesse escrevendo essa carta hoje, que local e que data deveriam aparecer no início dela?
5. A carta apresenta alguns erros ortográficos. Quais são eles?

Questionário sobre a notícia de jornal:

1. Quem é o autor da notícia? Esse personagem participa da história de *Chapeuzinho Vermelho*?
2. Qual o título do texto? De acordo com o clássico conto de fadas, seria aceitável o lobo ser o herói? Por quê?
3. A notícia traz um relato. De quem é? Qual sua idade?
4. Como a Vovó descreve o Lobo na notícia? De acordo com o clássico conto de fadas, esse relato seria aceitável? Por quê?
5. O que o lobo disse a repórter a respeito de sua dieta? Essa dieta é condizente com a história original do conto de fadas? Por quê?

Questionário sobre a história em quadrinhos:

1. Qual a relação do título (Mônica em Vestidinho Vermelho) com o clássico conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*?
2. Na história, qual o nome do lobo que encontra a Mônica no caminho da casa de sua avó? Qual a relação desse personagem com o clássico conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*?
3. Na história, Mônica com a ajuda do coelhinho derrota o lobo e seus amigos. No conto original isso acontece? Qual a diferença existente no final das duas histórias?
4. Na história em quadrinhos, existe um narrador? Qual diferença entre os formatos conto e quadrinhos?

Questionário sobre o poema

1. O poema de Sérgio Capparelli traz um diálogo. Entre quais personagens esse diálogo acontece? Na história original, um diálogo parecido com esse acontece? Qual a diferença entre esse diálogo e o que é apresentado no poema?
2. Qual a diferença existente no final da história apresentado pelo poema e a versão original da história?

Questionário sobre a Música:

1. Qual o vestuário de Chapeuzinho apresentado na música? É o mesmo vestuário que a personagem usa no conto de fadas original?
2. Na música, a relação dos personagens se diferencia em relação ao conto de fadas. O Lobo promete a Chapeuzinho "até amor". Isso acontece no conto de fadas original?
3. Qual a diferença existente no final das duas histórias?

Para finalizar, e com intuito de descontrair e propor um momento lúdico foi pedido aos alunos que escolhessem um dos gêneros para produzir. A maior parte dos alunos escolheu os quadrinhos.

Considerações Finais

O estágio supervisionado é uma atividade indispensável na construção da identidade profissional do professor que, enquanto sujeito da própria formação, constrói seus saberes. Nos cursos de licenciatura, o estágio supervisionado é um momento especial, pois traz para a prática reflexões que foram se construindo no percurso acadêmico e que se concretiza em sala de aula. A observação participante das aulas nos situa no contexto educacional e a prática nos traz reflexões a respeito de julgamentos que temos erroneamente pré-definidos. Além disso, a observação participante e prática nos leva a iniciar o aprendizado docente e a entender como resolver problemas. O objetivo é nos capacitar, à medida que o estágio acontece, para lidar diretamente com os problemas que vivenciaremos na docência. Durante o estágio supervisionado, pude ver que o ensino de Língua Portuguesa vai além da técnica em si, ele exige, também, percepção e o trato com seres humanos, neste caso, crianças. Essas são cheias de desafios e complexidades, têm histórias de vida diferentes e estão em constante construção de suas identidades.

Quanto aos objetivos propostos pelo projeto desenvolvido, achei que foi satisfatório. Algumas dificuldades já previstas ocorreram, mas os alunos levaram bem a proposta de aula e com o auxílio da professora supervisora pude realizar tudo o que havia planejado. Senti dificuldade em aprofundar a compreensão do conto do Guimarães Rosa, visto que é um conto denso que possui algumas sutilezas que não foi possível abordar.

A Escola me possibilitou ver outro lado da educação pública, com um recurso minimamente adequado, uma boa gestão e bons professores. Foi possível observar que existem escolas que acreditam no ensino e nas potencialidades de seus alunos, que buscam incentivá-los a buscar o conhecimento e integrá-los às suas experiências de vida, e que estão procurando atender às necessidades e as curiosidades deles. A escola tem suas dificuldades, mas apesar de graus diferenciados entre os profissionais, não se deixou desanimar por estas.

Referências

- ARUZZI, A. *A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho*. São Paulo: Brinque-Book, 2013.
- CAPPARELLI, S. *111 Poemas para Crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- LYRA, C.; BÔSCOLI, R. Chega de Saudade. In.: *Lobo Bobo*. Rio de Janeiro: Odeon, 1959. LP e CD. Faixa 2 (1:20).
- REVISTA NA PONTA DO LÁPIS. São Paulo: Programa escrevendo o futuro, n. 22. ago. 2013. p. 28-35.
- ROJO, R. H. R. A concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs: Ler é melhor que estudar. In.: _____. FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Org.). *Leitura e escrita na formação de professores*, p. 31-52, SP: Musa/UFJF/INEP-COMPED, 2002.
- ROSA, J. G. *Fita verde no cabelo: Nova velha história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- SOUSA, M. *Contos de Andersen, Grimm e Perrault*. São Paulo: Girassol, 2008.

Um poema de muitas cabeças

Domingas Cesário Alvim

Introdução

O projeto *Um poema de muitas cabeças* foi realizado em um período de duas aulas de cinquenta minutos cada, com a turma C, do nono ano, em escola da rede municipal de ensino de Belo Horizonte.

A natureza da escola é pública (municipal) e foi construída com o intuito de atender a alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I e II e também, no turno da noite, aos alunos da EJA.

Para os jovens das grandes cidades do século XXI, a vida se vive conectadamente, via aparelhos eletrônicos de multimídia, celulares, *tablets*, etc. O que vale é o imediatismo da comunicação, é a vida vivida pelo compartilhamento que se dá em tempo real. Eu vivo, eu compartilho. O agora é a única hora. E talvez, por esse aceleração do tempo, atrelado ao encurtamento dos espaços, tudo aquilo que nos cobra um pouco mais de atenção venha se tornando dispensável. E é nessa dispensabilidade que estamos perdendo a poesia. A poesia da vida, a poesia da sala de aula. Este gênero, cujas raízes remontam a três mil anos a.C., parece estar se tornando mais um ser em extinção. Mas será? Será que estamos mesmo diante de um fim? Ou será que este fim é, na verdade, um indício de recomeço? Será que os alunos estão mesmo se fechando à poesia ou será que é a poesia que não está mais se apresentando na sala de aula e, assim, deixando os alunos tão distantes dela?

A partir de indagações como essas foi que surgiu a ideia de trabalhar a poesia na sala de aula. Sabemos que, comumente, este costuma ser considerado, inclusive por muitos professores, um gênero difícil. Talvez por demandar um tempo maior de reflexão e de contemplação, a poesia pareça um desafio aos jovens de hoje. Mas, e se repensássemos este gênero e o entendêssemos como uma espécie de metáfora para um lugar de refúgio? Quem sabe a poesia não poderia se tornar para os jovens de hoje aquela Pasárgada para onde Bandeira

gostaria de ir. Ou, quiçá, aquele *fugere urbem* tão caro aos poetas árcades brasileiros... Fato é que essa modernidade líquida, termo cunhado por Zygmunt Bauman, como todas as épocas históricas, em algum momento, talvez venha a precisar de uma válvula de escape. Então, por que não pensá-la sob a forma de um poema?

Com o intuito de buscar respostas para tantas questões, foi que se deu este trabalho. Não só buscar apresentar a poesia aos alunos como, também, fazê-los produzirem um poema. Um poema coletivo em que todos contribuíssem, em que todos interagissem, assim como eles fazem diariamente por aplicativos de celulares e por mídias sociais. Criar um poema conjuntamente, um poema em que cada aluno seria autor de um verso: *Um poema de muitas cabeças*.

A poesia na sala de aula: a proposição de um projeto

A poesia começa na vida

Antes de ser um jogo de ideias, como diria Cecília Meireles; antes de ser um jogo de palavras, como diria Mallarmé; e mesmo antes de ser ritmo e elocução, como diria Aristóteles, a poesia é humana, ou seja, é vida e, como toda vida, é experiência de fruição. E é muito importante que nos lembremos disso para não cairmos no abismo de achar que ensinar poesia é ensinar apenas conceitos de métrica, rima, estrofes, versos, etc.

Mais do que uma experiência de linguagem, a poesia é também uma experiência de vida, vive ao nível da experiência sensorial, é arte e, assim, habita o plano da estética, termo este que deriva da palavra grega *aisthesis*: percepção, sensação, sensibilidade.

Tão vasta é a poesia que dentro dela cabe, inclusive, a vida contemporânea dos alunos do século XXI. Tão maleável é a poesia que o fazer poético pode transcender o papel e a caneta, podendo se apropriar das novas tecnologias para se recriar e, assim, mostrar aos alunos que ser poeta é, na verdade, saber jogar com os signos que renascem, das mais variadas maneiras, nas mais diferentes mídias.

Este trabalho, portanto, procurou trabalhar o gênero poesia na sala de aula de forma aproximativa e contemporânea, sem colocar a

poesia em contradição – ou em competição – com as novas tecnologias. O que se buscou foi, ao contrário, se apropriar destes aparatos tecnológicos para compor um poema coletivo o qual seria gravado pelos alunos e, em seguida, editado para que o mesmo pudesse, não só ser exibido no sarau de final de semestre que aconteceria na escola, mas também ser postado nas redes sociais pelos próprios alunos.

Preparação poética (aula 1)

Antes de passarmos à produção do poema coletivo, objetivo fim deste projeto, tentou-se entender primeiro o que os alunos já sabiam sobre poesia. Para isso, a aula teve início com as seguintes perguntas: o que é poesia? Você já leu um poema? Você já escreveu um poema? Qual a diferença entre poesia e poema? O que é uma rima? Poema sem rima é poema? Vocês sabem o que é um verso? E uma estrofe? O que é um poeta? Como vocês imaginam um poeta? Vocês conhecem algum poeta? Vocês acham que nós podemos dizer que um poeta é um pintor que em vez de tinta usa palavras? Vocês acham que dá para fazer poesia fora do papel? As letras de músicas são poemas? E o rap, é um poema?

E foi a partir do conhecimento que os meninos tinham de poesia, que começamos a discuti-la. As respostas às perguntas foram bastante inusitadas. Os alunos acharam estranho descobrir que alguns poemas se faziam sem rima. Na concepção de alguns deles, poema era sempre um bando de versos que rimavam. Interessante também foi perceber que a imagem que eles faziam de um poeta era a de um homem idoso, magro e de óculos. Se pensarmos bem, estas são as imagens que podemos encontrar no Google – além das imagens da jornalista Patrícia Poeta – caso digitemos a palavra poeta.

Quanto à pergunta em que se fazia analogia entre o poeta e o pintor, um aluno disse que ficaria melhor dizer que um poeta é um Neymar das palavras (jogador brasileiro famoso por seu talento futebolístico). E quanto à pergunta sobre as musas, os alunos disseram que só conheciam as musas do *funk*, do *hip-hop* e do carnaval, o que gerou muita gargalhada na turma.

Depois de discutirmos o tema e, a partir das respostas dos alunos, trabalhamos o gênero, passamos a um poema de um poeta que contrariava o tal estereótipo pensado pelos alunos. Mostrou-se a foto de Paulo Leminski, autor do poema que seria lido.

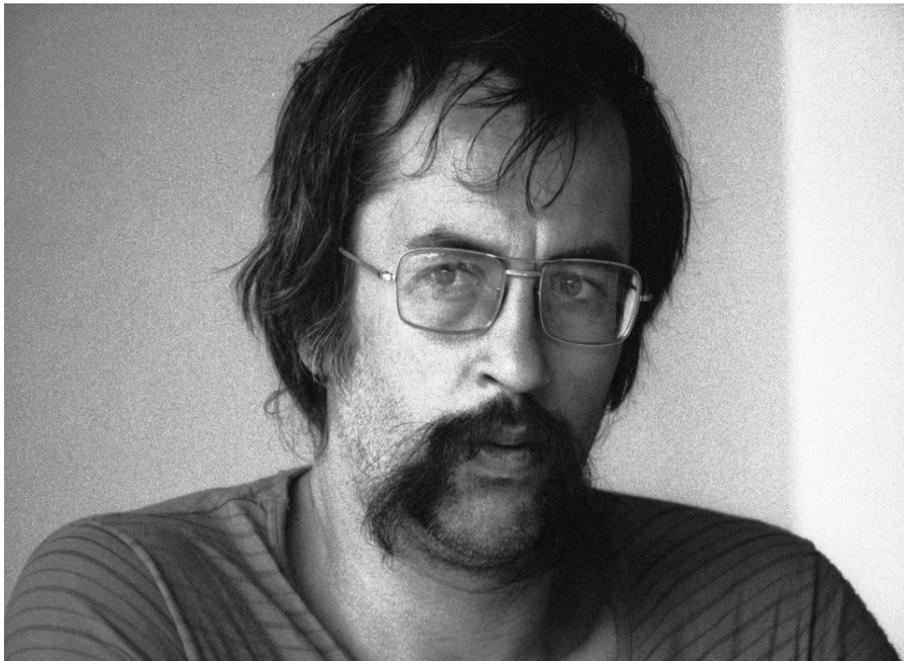


Figura 1 – Paulo Leminski.
Fonte: google imagens.

Por si só, a aparência de Leminski já fez os alunos dizerem: “ih, professora, mas esse aí nem parece um poeta. Parece mais um doideiro.” Após esta desconstrução de paradigmas, passamos ao poema *Limites ao léu*, o qual serviria de base para a construção de nosso poema coletivo:

Limites ao léu

"words set to music" (Dante via Pound),
"uma viagem ao desconhecido" (Maiakóvski),
"cernes e medulas" (Ezra Pound),
"a fala do infalável" (Goethe),
"linguagem voltada para a sua própria materialidade" (Jákobson),
"permanente hesitação entre som e sentido" (Paul Valéry),
"fundação do ser mediante a palavra" (Heidegger),
"a religião original da humanidade" (Novalis),
"as melhores palavras na melhor ordem" (Coleridge),
"emoção lembrada na tranqüilidade" (Wordsworth),
"ciência e paixão" (Alfred de Vigny),
"se faz com palavras, não com ideias" (Mallarmé),
"música que se faz com ideias" (Ricardo Reis/Fernando Pessoa),
"um fingimento deveras" (Fernando Pessoa),
"criticism of life" (Mathew Arnold),
"palavra-coisa" (Sartre),
"linguagem em estado de pureza selvagem" (Octavio Paz),
"poetry is to inspire" (Bob Dylan),
"design de linguagem" (Décio Pignatari),
"lo imposible hecho possible" (García Lorca),
"aquilo que se perde na tradução" (Robert Frost),
"a liberdade da minha linguagem" (Paulo Leminski)..."⁵

Neste poema, Leminski, o poeta bigodudo, apresenta as mais variadas definições de poesia feita pelos mais diferentes poetas, das mais distintas nacionalidades e épocas. Assim, os alunos puderam entender melhor que o próprio conceito de poesia não é unívoco, pelo contrário, é amplo, sendo, para cada poeta, um e não outro.

A partir deste ponto, foram apresentados outros poemas aos alunos. Lembrando que todos os poemas foram lidos em voz alta no primeiro momento e, em um segundo momento, relidos pelos alunos

⁵ LEMINSKI. *La vie en close*.

numa espécie de jogral em que cada um lia um verso, o que permitiu a integração da turma à atividade proposta. Em seguida, passamos a um outro poema, este agora de José Paulo Paes:

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?⁶

Novamente, o poema foi lido em voz alta no primeiro momento e, em seguida, lido pelos alunos. Pela terceira vez o poema foi lido, mas esta leitura fez-se pausadamente, trabalhando os versos do poema. Assim, buscou-se refletir, com os alunos, por que o sujeito lírico do poema comparava o jogo do fazer poemas, com as brincadeiras de criança. Por que, para o poeta, fazer poemas é brincar com as palavras,

⁶ PAES. *Poemas para brincar*.

sendo estas melhores que brinquedos, já que nunca se gastam, podendo sempre ser renovadas, enquanto houver desejo de brincadeira, enquanto houver vida.

E, assim, para endossar essa perspectiva lúdica pela qual o poema entende o fazer poético, foi lido um trecho do livro *Palavras de encantamento*, da autora Marisa Lajolo:

um poema é um jogo com a linguagem. Compõe-se de palavras: palavras soltas, palavras empilhadas, palavras em fila, palavras desenhadas, palavras em ritmo diferente da fala do dia a dia. Além de diferentes pela sonoridade e pela disposição na página, os poemas representam uma maneira original de ver o mundo, de dizer coisas.¹

Sendo o poema, como coloca Lajolo, um jogo com palavras, podemos voltar aos versos de José Paulo Paes e tentar desvendar como é que o poeta faz esse jogo de palavras jogar com o jogo de ideias veiculadas pelo poema. Desta forma, o aluno pode perceber que o jogo da poesia se faz com peças com as quais ele está tão acostumado a usar que mal consegue percebê-las, isto é, as peças-palavras.

O intuito de se trabalhar a palavra por esta perspectiva foi fazer com que os alunos atentassem para estes instrumentos básicos de comunicação, que de tão corriqueiros, acabam tornando-se objetos despercebidos na vida dos estudantes. A partir de tal reflexão, os jovens puderam entender que as palavras não são apenas peças de comunicação, isto é, veículos de mensagens cotidianas; as palavras são também peças de um jogo sem fim, um jogo poético capaz de produzirem sensações e tocarem a alma.

Neste momento, foi trazido à tona o poema *Paixão*, de Adélia Prado:

¹ LAJOLO. *Palavras de encantamento*: antologia de poetas brasileiros.

Paixão

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.
O mundo, cheio de departamentos, não é a bola bonita
caminhando
solta no espaço.²

Em seguida, aos alunos, foi feita a seguinte pergunta: por que para a poetisa ficar sem a poesia é olhar a pedra e ver a pedra mesmo? Fazendo um adendo, é interessante pensarmos na relação da frase da poetisa mineira com a do poeta e artista plástico paulista Nuno Ramos, retirada de seu livro *Cujo*, de 2011: “Hoje vi um lagarto. Não um lagarto, uma folha que parecia um lagarto. Não uma folha, uma pedra que parecia uma folha. Então é uma pedra, pensei desinteressado.”³

Em ambos os casos, ver a pedra como apenas uma pedra é mais desinteressante do que pensar que uma pedra, para o poeta, assim como para a criança, pode ser muito mais que somente uma pedra. Uma simples pedra, aos olhos do poeta, pode representar a magia de ser uma folha, um lagarto, um mundo, um poema inteiro. A pedra, assim como no célebre poema *No meio do caminho* de Carlos Drummond de Andrade, pode funcionar como a metáfora de algo que impossibilita o poeta de absorver a magia da poesia e, assim, ser capaz de olhar o mundo e ver o que se encontra muito além de um mero olhar. Olhar para o poeta é ver por trás dos horizontes. É olhar o monte e ver o elefante gigante que dorme dentro dele.

E depois desta conversa sobre poesia, na qual os alunos foram continuamente convidados a participarem e a interagirem, passamos ao nosso objetivo fim, a produção de um poema coletivo: *Um poema de muitas cabeças*.

Produzindo um Poema coletivo – aula 2 ou Produzindo Um Poema de muitas cabeças

Partindo da premissa defendida por Hélder Pinheiro em seu livro *Poesia*

² PRADO. *Poesia reunida*.

³ RAMOS. *Cujo*, p. 21.

*na sala de aula*⁴ – de que trabalhar temas conhecidos dos alunos têm melhores chances de gerar trabalhos agradáveis que favorecem a participação e o envolvimento –, foi que se pensou que a produção de um poema coletivo, no qual cada aluno seria responsável por um verso, deveria iniciar-se por uma escolha de tema que passasse pelo crivo dos próprios alunos. Deste modo, recorreu-se a uma votação na qual os próprios estudantes/poetas foram responsáveis, não só pelos temas que concorreriam, mas também pela seleção de um destes.

Dentre os três temas finalistas, tivemos a adolescência, a escola e a poesia. Venceu a adolescência. Assim, ficou definido que a base de construção do poema seguiria a construção do poema de Leminski, *Limites ao léu*. Do mesmo modo que o poeta dava, verso por verso, uma definição de poesia, no nosso poema coletivo, os alunos também deveriam, verso por verso, dar uma definição do que é ser adolescente. Desta maneira, os alunos estariam se valendo de um método de produção de um autor estudado para construir seu próprio poema, imprimindo nos versos suas perspectivas subjetivas sobre a adolescência. A partir deste ponto, foi dado um tempo aos alunos para que estes pudessem escrever seus respectivos versos.

Dando continuidade ao projeto, passamos ao segundo passo: gravar o poema com uma câmera de celular. Para a filmagem, a turma decidiu que seria mais interessante gravarmos o poema fora da sala de aula, o que, por si só, já serviu para alterar a rotina comum da aprendizagem. Ao saírem de sala para gravar um poema, os alunos estavam experimentando uma nova maneira de lidar não só com a poesia, mas com o ensino, atrelando o fazer poético a uma atividade lúdica, ao ar livre, o que acabou por gerar nos mesmos uma sensação positiva, instigando-os a se aproximarem deste gênero por uma perspectiva que está além das quatro paredes da sala de aula, criando-lhes uma espécie de ligação afetiva com o gênero, este que, mesmo nas escolas, parece estar em desvantagem em relação aos textos em prosa.

Para a gravação, foram disponibilizados alguns artefatos do tipo máscaras, óculos, fantasias carnavalescas, etc., para que os estudan-

⁴ PINHEIRO. Poesia na sala de aula.

tes pudessem, caso quisessem, entrar no poema não só com a palavra e com a voz, mas também com o corpo, sendo este usado para encenar o poema.

Um a um, os alunos foram se posicionando nos locais em que se sentiam confortáveis e foram, na frente dos outros, recitando seus versos. É claro que, neste primeiro momento, o intuito foi de aproximação com o gênero, isto é, fazer com que os alunos se interessassem em participar da produção de um poema. Portanto, não estava ali, em nenhum momento, sendo avaliada a competência poética dos estudantes, tampouco a qualidade dos versos produzidos. A intenção primária era de fazer com que eles desmistificassem o ato de produzir um poema e, assim, abrirem-se à experiência poética de maneira mais livre e menos formalizada. O intuito era de aproximá-los do gênero de maneira lúdica, de modo a fazê-los perceberem que a poesia também poderia ser algo presente em suas vidas, algo ao qual eles poderiam ter acesso, tanto como leitores quanto como produtores. Com isso, o que se buscou foi proporcionar ao aluno uma espécie de experiência poética na qual este pudesse se sentir um ator em seu próprio processo de construção de saber.

Após a gravação individual dos versos, os jovens também foram filmados em situações de interação como, por exemplo, jogando bola, brincando de roda, fazendo “ola” para que tais imagens pudessem ajudar a ilustrar o poema no momento da edição.

Após a filmagem, retornamos à sala de aula e combinamos que, na próxima semana, o vídeo seria exibido para a turma e que, sendo aprovado por todos, este poderia ser exibido no Sarau que aconteceria na escola no final do semestre.

Com ajuda de um programa muito simples de edição, o *Movie Maker*, do *Windows*, o vídeo foi editado e, conforme planejado, levado na semana seguinte para ser exibido à turma. O resultado foi bastante satisfatório e, apesar das autocríticas comuns aos adolescentes de qualquer parte do planeta como, por exemplo, “nossa, mas a minha cara tá cheia de espinha”; “o meu cabelo tá péssimo” – o que pude sentir é que eles gostaram da experiência e pareciam orgulhosos de terem sido capazes de produzirem, eles mesmos, um poema, forma

textual que eles só achavam possível de ser produzida por profissionais qualificados e distantes de suas realidades.

No mais, como surpresa final, fui procurada por uma aluna – que era tida como garota-problema da turma –, a qual queria me mostrar um poema muito bonito que ela havia escrito sobre a adolescência, contendo, inclusive, rimas. O Poema estava tão tocante que acabei lendo-o à turma. Este gesto parece ter deixado a tal menina problema bastante satisfeita consigo e acredito que deva ter interferido em sua própria maneira de se olhar.

Por fim, a poesia alcança a criança...

Por acreditar que seja possível promover uma interação entre a ciber-juventude e a poesia e, partindo do princípio defendido por Oswald de Andrade de que “a poesia está nos fatos”, é que este projeto foi pensado.

O que se percebeu foi que, sob o aparente desinteresse dos alunos pelos conteúdos poéticos dados em sala, existia, ainda, uma curiosidade aberta a uma nova experiência, como um estado de latência a ser revelado a partir de uma nova abordagem. Portanto, optar por trabalhar a poesia na sala de aula a partir da produção de um vídeo-poema coletivo foi, antes de qualquer coisa, acreditar na disposição dos jovens para a sensibilidade, para a afeição; foi tentar abrir, em suas vidas, uma janela capaz de lhes possibilitar uma temporária fuga de um mundo que, de tão sistematizado e racionalizado, acaba por constranger, no humano, uma parte que lhe é fundamental: o mundo da emoção. Nas palavras do poeta português Adolfo Casais Monteiro:

É certo que, tal como a linguagem da razão, a poesia também procura uma verdade. Mas é uma verdade daquela dimensão humana em que dois mais dois não é igual a quatro. Nem por isso é uma linguagem do absurdo, muito menos do irreal. O mais estranho poder da poesia é que torna o mundo mais verdadeiro, exatamente porque, nela, as palavras não funcionam como sinais, ou como rótulos, mas como substitutos de alguma coisa que permanece por trás delas.⁵

⁵ MONTEIRO. *A palavra essencial: estudos sobre poesia*, p. 31.

A disposição revelada pelos alunos ao participarem do projeto, levou-me a pensar que talvez seja agregador fazer uso de novas tecnologias na sala de aula, até porque, para esta geração de hoje, estas tecnologias já se configuram como parte efetiva de suas vidas.

No mais, só se pode dizer que este projeto representa apenas a ponta de um iceberg, um singelo começo, uma mínima fresta a servir de abertura para uma aventura que deveria se estender pelo resto da vida escolar – para não dizer da vida –, de modo que, não só a leitura de poemas, mas também de outros gêneros literários, pudesse se tornar, na vida de um menino, não um raro momento, mas um hábito. Nas palavras de Murilo Mendes: “a poesia não pode nem deve ser um luxo para alguns iniciados: é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito.”⁶

Referências

- ALTENFELDER, A. H. *Olimpíada de Língua Portuguesa*. Poetas da escola. São Paulo: Cenpec, 2014.
- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Editora Marin Claret, 2007.
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. Tradução de Octávio M. Cajado. São Paulo: Ática/UNESCO, 1986, p. 70-75.
- GOLDSTEIN, N. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- LAJOLO, M. *Palavras de encantamento: antologia de poetas brasileiros*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LEMINSKI, P. *La vie en close*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MENDES, M. *Poemas modernos do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- MONTEIRO, A. C. *A palavra essencial: estudos sobre poesia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- PAES, J. P. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 1991.
- PINHEIRO, H. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- PRADO, A. *Poesia reunida*. Belo Horizonte: Siciliano, 2001.
- RAMOS, N. *Cujo*. São Paulo: Editora 34, 2011.

⁶ MENDES. *Poemas modernos do Brasil*, p. 165.

Pirataria: uma questão de opinião

Bárbara Helohá Falcão Teixeira

Introdução

Este artigo tem como objetivo expor o projeto de intervenção pedagógica aplicado no oitavo ano do Ensino Fundamental II em escola da rede municipal de ensino de Pedro Leopoldo. O gênero trabalhado é o artigo de opinião, que se caracteriza pelo uso do discurso argumentativo e pela discussão de temas controversos da atualidade. A argumentação requer o uso de certas estratégias para persuadir e convencer o interlocutor, por exemplo, a mescla de fatos, de dados estatísticos e de opiniões. Como estas estratégias são muito importantes para a construção de um artigo de opinião coerente, elas foram trabalhadas sistematicamente no início e no final do projeto. Assim, diante deste panorama, os alunos escreveram um artigo de opinião sobre o tema pirataria.

O presente trabalho é fruto da disciplina obrigatória Análise da Prática de Estágio do Português I em que, sob orientação, foram realizadas a observação e a regência de aulas no Ensino Fundamental II. O estágio foi realizado em dois momentos distintos: a observação foi realizada em turmas de oitavo ano, duas vezes por semana, por dois meses e meio. Após o período de observação, o projeto de intervenção pedagógica foi desenvolvido e aplicado em uma das turmas observadas.

Tradicionalmente, na escola, a disciplina de Língua Portuguesa é abordada com grande enfoque às nomenclaturas gramaticais, às frases fragmentadas, às palavras isoladas, às regras ortográficas, etc. Essa visão é centrada na concepção de língua enquanto sistema, com signos e regras estáveis, desvinculado às condições de produção e recepção dos textos da língua. Por isso, é tão frequente uso de exercícios metalinguísticos.

Além disso, há outro enfoque, que tem revelado-se mais produtivo. O objetivo da disciplina de Língua Portuguesa é o exercício fluen-

te da linguagem verbal dos alunos em qualquer modalidade, seja na linguagem oral, seja na linguagem escrita. Por este motivo, há outro enfoque, que é centrado na concepção de língua enquanto atuação social, atividade e interação verbal entre sujeitos, vinculado ao uso e ao contexto de interação verbal. Nesse enfoque, é comum o uso de exercícios reflexivos e epilinguísticos dos textos.

O projeto de intervenção pedagógica, aqui exposto, é baseado no segundo enfoque, uma vez que, não há o trabalho exaustivo com as nomenclaturas e demais regras gramaticais, e sim com a dimensão discursiva da língua no gênero artigo de opinião.

Apresentação da escola

Aspectos gerais

A escola onde foi aplicado o projeto é pública municipal e tem 25 anos de existência. Atualmente, há o Ensino Fundamental completo (do primeiro ao terceiro ciclo), distribuído em aulas pela manhã e a tarde.

Em relação às turmas, há quatro turmas para cada ano. Assim, totalizam-se 36 turmas na escola. Todavia, a observação do estágio ocorreu somente em três turmas, pois a professora observada só lecionava para três turmas. Já em relação ao número de alunos e professores, a escola possui cerca de mil alunos e trinta professores.

Características Físicas e Ambientais

A infraestrutura da escola é simples, porém, bem conservada e limpa. Há dois prédios de dois andares, com 13 salas de aula cada. Tais salas são de tamanho médio, possuem quadro negro, armários e carteiras organizadas de forma tradicional. Como a escola atende todos os níveis de Ensino Fundamental, também há vários trabalhos infantis colocados nas paredes.

A biblioteca é pequena para a quantidade de alunos. Parece que era uma sala de aula no passado. Lá os livros não ficam bem organizados por falta de espaço. A maioria dos livros que têm são livros didáticos do PNLD, mas também há livros infantis, romances, gibis, revistas,

etc. Sobre o funcionamento da biblioteca, é bastante restrito, pois só há uma bibliotecária, que sempre está fazendo outras atividades na escola e acaba deixando a biblioteca fechada. Porém, nas turmas de oitavo ano, alguns alunos leem e pegam livros emprestados por interesse próprio.

Por se tratar de uma escola de Ensino Fundamental pública e municipal de uma pequena cidade, não há laboratório de informática e nem de ciências. Para recreação, no pátio, há uma área com brincadeiras pintadas no chão, mas a interação entre alunos acaba sendo um pouco perdida, porque a área é pequena. A escola tem três intervalos diferentes, porque não cabem todos os alunos no pátio. A cantina também é pequena e possui dez mesas de ardósia. Em relação aos banheiros, há apenas dois banheiros para os alunos (um feminino e um masculino), localizados no primeiro andar.

As aulas de Educação Física são realizadas nas quadras. A instituição possui duas quadras esportivas cobertas, uma maior, equipada para jogos de futsal e basquete, outra menor, equipada para jogos de vôlei.

Um ponto que chama atenção positivamente é a presença de uma sala de monitores. Nessa sala, há monitores para tirar dúvidas das disciplinas. Além disso, na escola, há alunos portadores de necessidades especiais, como déficit de atenção e hiperatividade (TDHA), déficit cognitivo, dificuldade de aprendizagem, deficiência intelectual, transtorno obsessivo, síndrome de Down, surdez e atraso do desenvolvimento da percepção viso-motora. Nestes casos, há também uma monitora por criança acompanhando esses alunos.

Já as dependências administrativas, como sala dos professores, diretoria, secretaria, etc., também são simples e pequenas, porque em geral, trata-se de uma escola pequena também, que no passado, não tinha muitos alunos. Deste modo, é possível observar que, com a passagem do tempo, o número de estudantes foi aumentando. Este foi o motivo pelo qual resultou num pátio pequeno, pois se fez necessário a construção de um segundo prédio, que por sua vez, acabou diminuindo de maneira significativa a área de convivência do pátio.

Apresentação do projeto

O projeto tem como objetivo trabalhar o gênero textual artigo de opinião, buscando refletir com os alunos do oitavo ano sobre o discurso argumentativo e como construí-lo. Ao término do projeto, espera-se que o aluno tenha conhecimentos sobre esse gênero, saiba identificá-lo e produzi-lo de forma independente e autônoma.

O artigo de opinião é um texto em que o autor expõe seu posicionamento sobre algum tema atual e de interesse público da sociedade, uma vez que o tema em questão muitas vezes afeta a vida de muitos. Nele, o autor tem a intenção de convencer seus leitores e, para isso, apresenta argumentos sobre o assunto, visando a aderência dos leitores. Geralmente, os artigos de opinião são publicados em revistas, jornais, sites na internet, e como já foi dito, tratam de assuntos polêmicos que exigem um posicionamento dos leitores.

Você é contra ou a favor do incentivo à produção e ao consumo de alimentos transgênicos? E o que você pensa a respeito da igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres? Você acha justo que um negro ou um pobre entre na universidade pública com uma cota menor que a dos candidatos não cotistas? E, a seu ver, que medidas deveriam ser tomadas em relação às populações que moram nas margens da represa que abastece a cidade? O aumento da criminalidade teria alguma relação com a injustiça social?⁷

Inseridos nesse panorama, o projeto de intervenção, aqui exposto, visa trabalhar com o gênero artigo de opinião e com o tema "Você é contra ou a favor da pirataria?" A pirataria é muito comum em alguns países, como o Brasil. Em geral, a aderência a ela ocorre devido aos altos valores dos produtos originais. Porém, existem desvantagens, por exemplo, a má qualidade dos produtos e a violação dos direitos autorais dos que, muitas vezes, estudam e trabalham muito para o desenvolvimento dos mesmos.

Por fim, a produção de um artigo de opinião requer o uso de estratégias discursivas para que os argumentos expostos possam persuadir o leitor. Entre as estratégias, podemos citar as acusações claras aos oponentes, quando o tema permite, as ironias, os argumentos, as apelações à sensibilidade, etc.

⁷ MEC. Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa – Cadernos do professor – Artigo de Opinião, p. 17.

Justificativa

O artigo de opinião caracteriza-se pela discussão de assuntos controversos ou de problemas sociais controversos. O autor busca transmitir o seu posicionamento através da sustentação de uma ideia, aceitação ou refutação de argumentos, etc. O autor do artigo de opinião apresenta seu ponto de vista, com a intenção de convencer seus interlocutores a compartilharem a mesma opinião dele. Para atingir o seu objetivo, o autor vale-se de acusações, ironias, argumentos sustentados por evidências, contra-argumentos, provas, dados e outros elementos que ajudam corroborar a ideia defendida.

Os artigos de opinião são importantes, porque instigam o aluno a argumentar em prol de uma ideia.

Aprender a ler e a escrever esse gênero na escola favorece o desenvolvimento da prática de argumentar, ou seja, anima a buscar razões que sustentam uma opinião ou uma tese [...] Portanto, escrever artigos de opinião pode ser um importante instrumento para a formação do cidadão.⁸

Deste modo, é possível observar que no texto oral ou escrito, a argumentação está presente em diversos textos e em diversas situações do dia-a-dia, como quando pensamos sobre qual atitude tomar, o que fazer e porque fazer; quando buscamos justificar nossas crenças para outras pessoas; quando buscamos razões para uma escolha; quando gostamos de um cantor e não de outro, e tentamos convencer que tal cantor é melhor; quando preferimos fazer uma coisa e não outra, etc. Cada pessoa tem um posicionamento, uma opinião e argumentos em favor de algum tema.

Argumentar é uma ação verbal na qual se utiliza a palavra oral ou a escrita para defender uma tese, ou seja, uma opinião, uma posição, um ponto de vista particular a respeito de um determinado fato.

Quem argumenta, se vale de argumentos, que nada mais são que razões, verdades, fatos, virtudes e valores (éticos, estéticos, emocionais) tão amplamente reconhecidos, que justamente por isso, servem de alicerce para tese defendida.⁹

⁸ MEC. Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa – Cadernos do professor – Artigo de Opinião, p. 20.

⁹ MEC. Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa – Cadernos do professor – Artigo de Opinião, p. 38.

Por este motivo, a argumentação torna-se fundamental para qualquer sujeito na sociedade, uma vez que ele está exposto a diversas situações em que será necessário justificar para outras pessoas o seu ponto de vista. Assim, diante desse quadro, é possível dizer que, a redação de um artigo de opinião é, sim, muito importante para a vivência do aluno. Além disso, o uso do discurso argumentativo e de suas características também contribui para a formação do cidadão, como sujeito ativo e crítico capaz de ter uma opinião própria e argumentos próprios em prol ou contra o que está acontecendo na sociedade.

De acordo com Oliveira Rangel,

pode-se definir a argumentação como a ação verbal pela qual se leva uma pessoa e/ou todo auditório a aceitar uma determinada tese, valendo-se para tanto, de recursos que demonstrem a consistência dessa tese. Esses recursos são as verdades aceitas por uma determinada comunidade, assim como os valores e os procedimentos por ela considerados corretos ou válidos. Dessa forma, argumentação é um termo que se refere tanto a esse ato de convencimento quanto ao conjunto de recursos utilizados para realizá-lo.

Por isso mesmo, a argumentação sempre parte de um objetivo a ser atingido (adesão à tese apresentada) e lança mão de um conjunto de estratégias próprias para isso, levando em conta aquilo que faz sentido para quem lê ou ouve.¹⁰

Assim, em suma, com as palavras de Oliveira Rangel, é possível perceber que a argumentação é uma atividade linguística, na qual o locutor tenta convencer o seu interlocutor a aderir a sua tese, usando certas estratégias. Os recursos utilizados por sua vez são as estratégias discursivas usadas pelo locutor. Tais estratégias podem ser definidas como

o conjunto de procedimentos e recursos verbais utilizadas pelo argumentador para convencer tanto seus adversários quanto o auditório envolvido [...] Isso envolve desde a escolha das palavras mais apropriadas à linguagem e ao “tom certo” até os tipos de argumento construídos e a organização geral da argumentação.¹¹

¹⁰ OLIVEIRA RANGEL. O processo avaliatório e a elaboração de “protocolos de avaliação”.

¹¹ MEC. Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa – Cadernos do professor – Artigo de Opinião, p. 59.

Como foi dito, a escolha lexical é sem sombra de dúvida importantíssima. A escolha varia conforme o objetivo do artigo de opinião, por exemplo, podemos dizer “os manifestantes ocuparam a reitoria” ou “os manifestantes invadiram a reitoria”. Os sentidos são diferentes e serão utilizados de acordo com a opinião defendida pelo autor. A exposição de dados estatísticos, fatos, ironias, apelos emocionais, bem como o uso de justificativas também são recursos necessários à argumentação coerente e convincente.

O plano de atividades inclui contextualização do tema “Pirataria”, a leitura de um texto sobre o tema, a sistematização dos argumentos lidos e estratégias utilizadas através de atividades que auxiliam na percepção da posição diante do tema proposto, e por fim, a produção e a revisão escrita de um artigo de opinião sobre o tema. Deste modo, a proposta do plano de atividades é relevante, pois irá auxiliar na articulação de ideias e argumentos, uma vez que os alunos estarão expostos a um tema polêmico atual, que irá exigir deles o discurso argumentativo tão requisitado na vida cotidiana.

Fundamentação teórica

Baseando-se na concepção de língua enquanto atuação social, atividade e interação verbal entre sujeitos, vinculado ao uso e ao contexto de interação verbal, é possível perceber claramente o quanto o artigo de opinião media a interação entre sujeitos, pois o autor do texto sempre visa convencer o leitor e sempre há um diálogo entre pessoas, na medida em que pode ou não ocorrer a aderência às ideias defendidas no artigo de opinião.

Irané Antunes¹² defende que a escrita de um texto deve passar por três etapas: planejar, escrever e reescrever. A primeira etapa é o momento de delimitar o tema do texto, estabelecer os objetivos, escolher o gênero, escolher a ordenação das ideias e prever as condições dos leitores. A segunda etapa é o momento de escrever e registrar no papel o que foi planejado. Já a terceira etapa, é o momento de revisar e verificar se o texto está adequado ao que foi planejado,

¹² ANTUNES. *Aula de português: encontro e interação*.

ou seja, verificar se os objetivos foram alcançados, se há clareza e coerência e se o tema foi bem desenvolvido.

Assim, o projeto leva em consideração a dimensão discursiva e interacional da língua, pois quem escreve um artigo de opinião, escreve-o para convencer os seus interlocutores. Ademais, o projeto de escrita do artigo de opinião também será desenvolvido em três fases que, por sua vez, serão expostas na seção Desenvolvimento.

Objetivos

Objetivos gerais

Os objetivos desse projeto são simultaneamente exploratórios e explicativos: descobrir a complexidade do tema; conhecer e identificar o gênero artigo de opinião e caracterizar o gênero em questão, a partir da leitura de um artigo de opinião sobre o tema, tentando responder as perguntas propostas no caderno da Olimpíadas Brasileira de Língua Portuguesa.

Objetivos específicos

Analisar e avaliar o tema; descobrir quais são as estratégias discursivas usadas no gênero; produzir um artigo de opinião; revisar o artigo de opinião; reescrevê-lo fazendo as alterações necessárias.

Desenvolvimento

O tempo necessário para a realização do projeto foram três aulas de cinquenta minutos. Na primeira aula, tocou-se a música *Billie Jean* de Michel Jackson a fim de despertar a atenção dos alunos e introduzir uma das vertentes de prática da pirataria, que é a música.

Billie Jean

*She was more like a beauty queen from a movie scene
I said don't mind, but what do you mean I am the one
Who will dance on the floor in the round
She said I am the one who will dance on the floor in the
round*

*She told me her name was Billie Jean
As she caused a scene
Then every head turned with eyes that dreamed
Of being the one
Who will dance on the floor in the round*

*People always told me "be careful of what you do"
"And don't go around breaking 'young girls' hearts"
And mother always told me "be careful of who you love
And be careful of what you do, 'cause the lie becomes the
truth"*

*Billie Jean is not my lover
She's just a girl who claims that I am the one
But the kid is not my son
She says I am the one, but the kid is not my son*

*For forty days and forty nights
The law was on her side
But who can stand when she's in demand
Her schemes and plans
'Cause we danced on the floor in the round
So take my strong advice
Just remember to always think twice
(Do think twice)*

She told "my baby, that's a threat"

*As she looked at me
Then showed a photo of a baby crying
Eyes were like mine
Go on dance on the floor in the round, baby*

*People always told me be careful of what you do
And don't go around breaking young girls' hearts
She came and stood right by me
Then the smell of sweet perfume
This happened much too soon
She called me to her room*

*Billie Jean is not my lover
She's just a girl who claims that I am the one
But the kid is not my son*

*Billie Jean is not my lover
She's just a girl who claims that I am the one
But the kid is not my son
She says I am the one, but the kid is not my son*

She says I am the one, but the kid is not my son

*Billie Jean is not my lover
She's just a girl who claims that I am the one
(No, she is not just my baby)
But the kid is not my son*

*She says I am the one, but the kid is not my son
She says I am the one
(You know what you did)
She says he is my son
(Breaking my heart, babe)
She says I am the one*

*Billie Jean is not my lover
Billie Jean is not my lover
Billie Jean is not my lover
Billie Jean is not my lover
(Call me, Billie Jean)
Billie Jean is not my lover
(She is not at the scene)
Billie Jean is not my lover¹³*

Em seguida, algumas perguntas iniciais sobre o tema foram realizadas: quem gosta de ouvir músicas e assistir a filmes? Onde vocês assistem aos filmes e ouvem as músicas? Computador? Celular? Vocês compram CDs e DVDs? E quando o assunto é remédio? Vocês tomam remédios pirateados?

Após o estímulo inicial, foram distribuídas cópias de um artigo de opinião. Posteriormente, houve a leitura em voz alta. Durante a leitura, foi ressaltado, dentro do texto, por meio de pausa protocolada, a escolha lexical, os apelos emocionais, os fatos e dados estatísticos, que são estratégias linguísticas importantes para a construção da argumentação.

O odioso comércio de medicamentos falsos

É notória a comercialização de produtos falsos, contrafeitos e piratas em todo o mundo. A indústria e o comércio formais, que arcam com o pagamento de altos impostos (especialmente no Brasil), são prejudicados pela concorrência desleal de oportunistas que, à margem da lei e em total desrespeito ao consumidor, obtêm grandes vantagens, prejudicando toda a sociedade. O importante para esses criminosos é ganhar dinheiro e muito, não importa como.

E, quando se fala em ganhar muito, é muito mesmo: estima-se que esse mercado ilegal movimente cerca de R\$ 13 bilhões ao ano no Brasil – levando em conta apenas medicamentos. Os remédios mais onerosos (de combate ao câncer, por exemplo) e os mais procurados (tratamento de disfunção erétil, emagrecedores, anabolizantes) são os que mais sofrem com a falsificação. E, em verdade, a alta tributação (em média 34%) incidente nos medicamentos reforça a imensa lucratividade dos mercadores do crime.

¹³ Música de Michael Jackson.

Quando se trata de medicamentos, essa comercialização perversa ganha uma agravante. Além das questões econômicas e tributárias, temos a lesão do que é mais importante: a saúde. Um exemplo dessa brutalidade foi duramente apresentado na CPI da Pirataria, em 2003, na Câmara Federal. Em um dos depoimentos, um criminoso expôs, com grande frieza, essa lógica aterrorizante. Perguntado por que falsificava remédios de combate ao câncer, respondeu: “são os que dão mais lucro”.

Importante salientar que o consumidor tem papel essencial no combate a essa ilegalidade/imoralidade. Entender todas as etapas do processo legal faz parte dessa conscientização: primeiro, há o altíssimo investimento em pesquisas, testes e aprimoramentos realizados por anos, às vezes sem sucesso, representando a perda de todo o investimento para aprovar uma molécula.

Passada essa etapa, começa outro processo: o da validação pelos órgãos de vigilância sanitária e de saúde, que também consome tempo, recursos humanos, financeiros e o registro de marcas e patentes. Uma vez aprovado, temos a fabricação, comercialização e distribuição em uma complexa logística e, claro, o pagamento dos impostos, taxas de licenciamento e das contribuições sociais decorrentes dos vínculos empregatícios formais. Por último, vale lembrar que as empresas que se dedicam à pesquisa, fabricação, comercialização e distribuição são registradas e conhecidas, podendo ser facilmente encontradas e, se necessário, acionadas administrativa e judicialmente.

Do outro lado, o criminoso. Sem qualquer investimento, falsifica o medicamento – normalmente os que têm comprovada aceitação pelo mercado. Sonega impostos, não tem empregados formais, se aproveita do subemprego e até da mão de obra escrava, além de utilizar as mais precárias instalações, sem qualquer preocupação com higiene e limpeza. Resumindo: pouquíssimo investimento, baixíssimo risco e altos lucros. O consumidor compra um simulacro de medicamento e recebe o agravamento da doença, às vezes até a morte. Já foram encontrados em remédios falsificados arsênico, pó de cimento, cera para chão, tinta, talco e níquel, entre outros.

Esse quadro alarmante merece total atenção por parte da sociedade e, evidentemente, do poder público, em todos os níveis. A ação integrada dos órgãos da administração pública, o fortalecimento das áreas de fiscalização, especialmente da Anvisa, o constante aperfeiçoamento da farmacovigilância (que pode apontar para o uso de medicamentos falsos), os procedimentos de rastreabilidade de remédios, a melhoria do processo de compra de medicamentos e o trabalho de conscientização dos consumidores são iniciativas que devem ser contempladas, com o objetivo de diminuir a ação criminosa.

O Fórum Nacional Contra a Pirataria e Ilegalidade (FNCP), associação civil sem fins lucrativos, tem como membros associações empresariais e empresas e vem assumindo um papel importante nesse processo, ao apoiar ações de fiscalização (operações temáticas de combate aos crimes contra o fisco e a saúde pública, organizadas pela Polícia Rodoviária Federal nas estradas federais em conjunto com Receita Federal, Polícia Federal e Anvisa) e de conscientização

(seminário anual da Tríplice Fronteira em Foz do Iguaçu, além de guias para o consumidor e para o poder público).

Essas iniciativas demonstram que muito ainda deve ser feito. O rombo aos cofres públicos é impressionante e os prejuízos à saúde são imensuráveis. O poder público, a sociedade civil e as empresas têm de perseverar nessa justa e imprescindível luta. A saúde agradece.¹⁴

Após a leitura, os questionamentos propostos pela Olimpíada ocorrem:

1. Em que veículo o texto foi publicado? O veículo é bastante conhecido do público?
2. Que tipo de autor o escreveu? Além do nome, há mais informações sobre ele?
3. Qual é o assunto principal abordado pelo texto? É atual ou ultrapassado?
4. Para que tipo de leitor o artigo de dirige?
5. Com que finalidade esse assunto é abordado?
6. Que ideia ou tese o autor parece defender? Com que argumentos e fatos?

Finalmente, os alunos fizeram um Jornal de Duas Colunas, sintetizando a argumentação encontrada no texto:

O odioso comércio de falsos medicamentos

Fato	Opinião

Figura 1 – Exemplo de atividade feita com os alunos.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

¹⁴ <http://goo.gl/8aJ2RN>

O Jornal de Duas Colunas da primeira parte permitiu aos alunos o registro dos argumentos e fatos encontrados no texto, facilitando, assim, o entendimento de como a ideia defendida foi construída.

Depois, o Jornal de Duas Colunas da segunda parte foi desenvolvido. Nesse momento, foi solicitado aos alunos que escrevessem o que eles acham sobre a pirataria e justifiquem o porquê da posição deles. Este Jornal de Duas Colunas funciona como o momento de planejamento da produção final, porque nele é planejado, de forma indireta, a opinião dos alunos e os argumentos deles.

O que eu acho	Porque

Figura 2 - Exemplo de atividade feita com os alunos.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

A segunda aula foi o momento de escrever de fato. Os alunos produziram um artigo de opinião, utilizando seus próprios argumentos sobre a preferência ou não pela pirataria, que já se encontram citados no Jornal de Duas Colunas da 2ª parte.

A terceira aula foi o momento de revisar e avaliar o artigo de opinião produzido. A ideia era conduzir uma atividade que auxiliasse na revisão e na reescrita do texto.

Atividade utilizada para a revisão do artigo de opinião

Divisão da turma em dois grupos: contra e a favor. Um grupo iria perguntar e debater com o outro: Qual a opinião do grupo sobre a prática de pirataria? Quais argumentos o grupo utilizou? Quais fatos o grupo citou?

Os alunos responderam às perguntas oralmente. Posteriormente, foi dada a instrução para que eles verificassem se realmente havia em seus textos uma opinião sendo defendida, a utilização de argumentos e de fatos. Além disso, foi ressaltada também a importância de verificar se o texto estava realmente adequado para defender a opinião pretendida. Por fim, os alunos iniciaram a reescrita que, em virtude do tempo, ficou para ser entregue no próximo dia de estágio.

Resultados e conclusão

Em geral, os alunos participaram das atividades, porém, em número muito reduzido. O projeto de estágio foi aplicado na primeira semana de junho de 2015. Durante essa semana, a escola estava se organizando para a festa junina a ser realizada no dia 13 de junho. Por este motivo, muitos alunos estavam ensaiando para a festa e ausentes das aulas.

Além disso, ocorreu mais um imprevisto. A finalização do projeto estava prevista para a terceira aula. Todavia, muitos alunos não terminaram a revisão e a reescrita do artigo de opinião. Assim, a entrega da versão final do artigo de opinião ficou combinada para a aula seguinte. Neste intervalo de tempo, a professora supervisora de estágio sofreu um acidente e precisou ser submetida a uma cirurgia com urgência. Infelizmente, na quinta-feira seguinte, os alunos acabaram não levando os artigos, pois já estavam sem aulas há uma semana.

Assim, levando em consideração os imprevistos, os objetivos do projeto de projeto de estágio foram parcialmente alcançados, uma vez que, não foi possível ler a versão final da produção dos artigos de opinião.

Referências

ANTUNES, I. *Aula de português: encontro & interação*. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2009, p. 181.

JACKSON, M. Thriller. In.: *Billie Jean*. Nova Iorque: Epic, 1983. LP. Faixa 2 (4:54).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa – Cadernos do professor – Artigo de Opinião*. Publicação Nacional, 2014.

MOSS, B.; LOH, V. S.; ALMEIDA, M. A.; ENDRUWEIT, M. L. 35 *estratégias para desenvolver a leitura com textos informativos*: Barbara Moss, Virginia S. Loh; tradução Marcelo de Abreu Almeida; con-

sultoria, supervisão e revisão técnica desta edição: Magali Lopes Endruweit. Porto Alegre: Penso, 2012, p. 200.

OLIVEIRA RANGEL, E. *O processo avaliatório e a elaboração de "protocolos de avaliação"*. Brasília: Semtec/MEC, 2004.

VISMONA, E. L. *O odioso comércio de medicamentos falsos*. Disponível em: <<http://goo.gl/5Efw-QL>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

VISMONA. O odioso comércio de medicamentos falsos. Edson Luiz Vismona, ex-secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania do estado de São Paulo, é presidente do Fórum Nacional Contra a Pirataria e Ilegalidade (FNCP) e do Instituto Brasil Legal. Disponível em: <<http://goo.gl/8aJ2RN>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

Edições Viva Voz de interesse para a área de Didática:

Aprender a ensinar a Língua Portuguesa:

primeiras vivências

Rayanne Teles (Org.)

O livro didático de Língua Portuguesa

2. ed.

Regina Lúcia Péret Dell'Isola (Org.)

Re-textualizações

Regina Lúcia Péret Dell'Isola (Org.)

Os Cadernos Viva Voz estão disponíveis também em versão eletrônica no *site*: www.letras.ufmg/vivavoz



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.